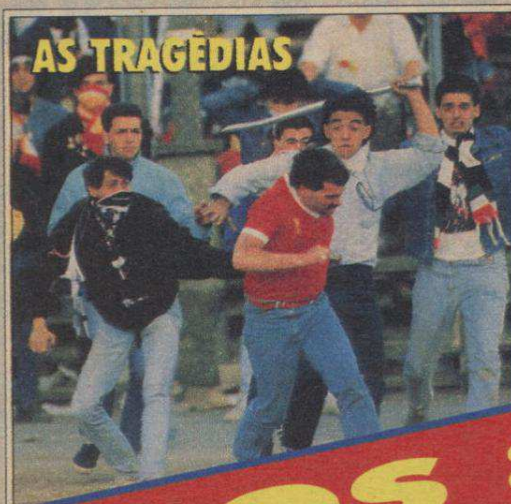
PLACAR

N.º 1021 5/JANEIRO/1990 NCz$ 40,00

OS GRANDES CAMPEÕES

AS TRAGÉDIAS

AS OLIMPÍADAS

OS ANOS 80

RETROSPECTIVA

O BRASIL NA FÓRMULA 1

FLAMENGO, O TIME DA DÉCADA

TABELÃO ESPECIAL COM TODOS OS CAMPEÕES

POR QUE OSMAR? OSMAR POR QUÊ?

RIPA NA CHULIPA E
PIMBA NA GORDUCHINHA.

FAZ COMO FAZIA O MANÉ:
PÕE NA RODA O JOSÉ.

O PAI DA MATÉRIA.

MASSAGEIA O EGO
DA GALERA.

É LÁ QUE A
MENINA MORA.

É FOGO NO
BONÉ DO GUARDA.

ESSE GAROTO ESTÁ
COM A BOLA TODA.

CAROÇO DO ABACATE.

PISOU NO
TOMATE.

POR QUE PAROU?
PAROU POR QUÊ?

RÁDIO
RECORD

Ora, por quê!
Porque ninguém fala a linguagem do povo como Osmar Santos. Ele tem talento e sensibilidade para pegar no ar as expressões, o jeito de falar das pessoas e dos amigos para transmitir para milhões de ouvintes, com a voz forte da líder em audiência, a Rádio Record.
O futebol ficou mais descontraído com Osmar Santos.
O que ele fala vira moda.
E o Osmar não pára!
E por que parar?

Rádio Record
1000 kHz

A MAIOR AUDIÊNCIA DO RÁDIO.

PLACAR

N.º 1021 JANEIRO DE 1990

CARO LEITOR

Chega ao fim uma década inesquecível para o esporte e, em particular, o futebol. Nesta edição especial de PLACAR, você vai reviver momentos grandiosos — e outros nem tanto — que marcaram o Brasil e o mundo nestes últimos dez anos. São cenas emocionantes, como as do Grêmio campeão mundial, do Botafogo campeão carioca, do Bahia campeão brasileiro e do fenomenal Flamengo de Zico. Os anos 80 também trouxeram a hegemonia verde-amarela na Fórmula 1, o fim dos boicotes nas Olimpíadas e, que saudade!, a maravilhosa vitória do nosso basquete sobre os Estados Unidos nos Jogos Pan-Americanos de 1987.

Muitas vezes, porém, não havia nada para comemorar. Afinal, nunca tantos craques abandonaram o Brasil e tantos dirigentes atrapalharam o futebol. Nunca também a violência das torcidas se mostrou tão selvagem.

Nas próximas páginas, esses e outros fatos estarão divididos em duas partes bem distintas. Na primeira, o destaque fica para os acontecimentos de 1989, um ano ainda tão vivo em nossa memória. Daí para a frente, você encontrará o balanço de toda a década.

Feliz ano-novo! Feliz anos 90!

SUMÁRIO

REPORPRESS

ORLANDO KISSNER

SERGIO SADE

■ CAMPEÃO BRASILEIRO

A FORÇA DA SELE-VASCO

O time de São Januário supera todas as crises e confirma seu favoritismo

Quando o Campeonato Brasileiro começou, ninguém tinha dúvida. Com um time formado por Acácio, Luiz Carlos Winck, Mazinho, Andrade, Marco Antônio Boiadeiro, Bismarck e Bebeto, sua principal estrela, o Vasco era o grande favorito ao título. A chegada do zagueiro equatoriano Quiñónez e do apoiador Tita, no meio da competição, reforçou a certeza de que o título tinha um dono certo. A taça só poderia ficar com a Sele-Vasco.

No dia 16 de dezembro, o time comprovou todas as expectativas e deixou o Morumbi com uma emocionante vitória de 1 x 0 sobre o São Paulo na finalíssima. Oito mil torcedores venceram os 450 km entre as duas capitais e comemoraram loucamente o título. Entre os heróis do gramado, no entanto, a alegria pela conquista se misturava ao desabafo. Afinal, nunca foi tão difícil — e desgastante — confirmar um favoritismo.

Nessa inesquecível travessia, o Vasco venceu muitas tempestades enquanto lutava para entrosar tantas estrelas que tinham acabado de chegar a São Januário. A cada empate ou vitória apertada, torcida, imprensa e os próprios dirigentes desabavam suas críticas sobre o treinador Nelsinho, auxiliar técnico de Sebastião Lazaroni na Seleção Brasileira. As intrigas aumentavam, as discussões se sucediam e tudo parecia perdido, pois até Bebeto, a contratação do ano, não acertava o passo no ataque. A derrota por 2 x 0 para o arquiinimigo Flamengo parecia a comprovação da queda.

Pois naquele dia 5 de novembro, o Vasco começou sua grande arrancada ao título. "Decidimos que a auto-suficiência não levaria a nada", recorda o atacante Bismarck. "Era preciso suar a camisa." E assim foi feito. O time enfiou uma retumbante goleada de 4 x 2 no Náutico, conseguiu empates eletrizantes contra a Inter de Limeira, fo-

ORLANDO KISSNER

Sorato marca o gol do título contra o São Paulo *(acima)*: comandado por Bebeto *(à esq.)*, o time de estrelas do Vasco atropela na reta final e faz a festa de Cássio, Marco Antônio Boiadeiro e Bismarck *(à dir.)*

ra de casa, e o Botafogo, ambos em 2 x 2.

Os tropeços do Palmeiras, líder do Grupo B até então, ajudaram bastante, é verdade. Discute-se ainda a má atuação do juiz Gílson Cordeiro na vitória vascaína sobre o Corinthians. Mas nada disso apaga um fato indiscutível: na reta final, o Vasco arrasou.

"Eles mereceram", reconheceu o derrotado técnico são-paulino Carlos Alberto Silva depois da bela exibição do Vasco. No Morumbi, a equipe carioca mostrou por que teve a melhor campanha entre os 22 times. Partiu para cima do adversário em território inimigo e, numa atuação irretocável do goleiro Acácio e do lateral Mazinho chegou ao título com um gol do atacante Sorato, aos 5 minutos do segundo tempo.

Era a consagração tão esperada. Estava finalmente comprovada a superioridade de quem começou o campeonato sob o olhar de inveja dos concorrentes. Depois de muitas agruras, a Sele-Vasco, campeã brasileira, mostrara sua força.

GRÊMIO CAMPEÃO GAÚCHO E DA COPA DO BRASIL

O PAPÃO DOS PAMPAS

NICO ESTEVES

Os gremistas dão a volta olímpica: festa que já virou rotina

Se existe um time que não deu bola para o decepcionante desempenho no Campeonato Brasileiro, esse é o Grêmio, que não tinha motivos para tanta ambição. Afinal, o tricolor fez demais em 1989. Aumentou a agonia do inimigo Internacional ao conquistar o pentacampeonato gaúcho em junho e três meses depois faturou a primeira Copa do Brasil — uma competição de que participam os campeões e os mais qualificados vices de cada Estado e cujo vencedor garante presença na Taça Libertadores da América.

Como já perdeu a graça rir da desgraça dos colorados, o Grêmio fez a festa mesmo com o título inédito da Copa do Brasil. Depois de uma campanha avassaladora com sete vitórias — uma por WO — e um empate, os gaúchos chegaram à final com o Sport. Empataram em 0 x 0 no Recife mas, diante de 70 000 ensandecidos torcedores no Olímpico, não deixaram escapar a vitória. Meteram 2 x 1 e deram a volta olímpica. "Ganhamos porque mostramos a mesma personalidade do Campeonato Gaúcho", comparava o meia Cuca, artilheiro do time com seis gols e que selou o triunfo diante dos pernambucanos.

Tanta alegria já seria o suficiente para fechar o ano gremista. "Agora vamos levantar a Libertadores", gritava o goleiro Mazarópi. E a torcida acredita que a rotina de títulos vai continuar no Olímpico.

ORLANDO KISSNER

NELSON COELHO

PEDRO MARTINELLI

Um mar de mãos ergue o troféu de campeão paulista de 1989. O time do capitão Raí mostrou força e poder de reação. Armas que fizeram do São Paulo — com seu 16.º título — o vencedor da década

■ SÃO PAULO CAMPEÃO PAULISTA

A MAIOR REAÇÃO DO TRICOLOR

O time do Morumbi recupera o "espírito de campeão" e conquista seu quinto título estadual na década

ORLANDO KISSNER

Dezembro ainda está próximo, mas o são-paulino tem uma certeza: 1989 deixou saudade. Foi o ano do 16.º título paulista, da chegada de Bobô, da afirmação de Raí e da surpresa Mário Tilico. Personagens que elevaram o tricolor ao time paulista da década, aquele que venceu a metade dos campeonatos disputados. E assim contagiou a torcida de tal maneira que ela decidiu enterrar de vez as insinuações de que não é numerosa — só na final, contra o São José, um coro de 90 000 vozes mostrou que o São Paulo é mesmo um "clube bem-amado", como canta seu hino.

E o mesmo se pode dizer do são-paulino. Afinal, sem ser a favorita de outros anos, a equipe realmente não convenceu durante todo o primeiro turno. Chegou a empatar quatro vezes seguidas em 0 x 0 com times do interior. "Não havia qualquer união", revelou o zagueiro Adílson. "O futuro parecia negro."

Negro, é verdade, mas vermelho e branco também. Especialmente depois da chegada do técnico Carlos Alberto Silva, o homem predestinado que deu início, em 1980, a esta década de vitórias e seria o encarregado, nove anos mais tarde, de concluí-la com perfeição. O tricolor recuperou, antes de mais nada, a vontade de vencer. Um desejo que, convenhamos, para um time com tantas glórias, nem sempre é fácil manter aceso. Reapareceu, assim, o decantado "espírito de campeão" de que tanto os jogadores falam e certamente deve rondar o Morumbi.

Algo que, mesmo sendo uma figura metafísica, de tão corriqueira, não assusta a ninguém no São Paulo — só aos adversários. Talvez até apareça em forma humana, como o fantástico zagueiro Ricardo. Alegre fora de campo e um leão dentro da área. Seguramente a personificação da força e do talento de todo o time. Qualidades que fazem dos são-paulinos os torcedores mais felizes! Acostumados a comemorar, ano sim, ano não, um título de campeão. □

■ BOTAFOGO CAMPEÃO CARIOCA

RENASCIMENTO DO GLORIOSO

Depois de 21 anos, o Botafogo entrou novamente na órbita dos campeões

Se o Menino Jesus nascesse no Brasil deste final de década, certamente os três reis magos teriam como guia a solitária estrela do Botafogo. Ela iluminou novamente um céu, que há 21 anos estava nublado, e mostrou na noite de 21 de junho de 1989 um brilho que há muito estava esquecido: o de campeão carioca. Mas essa certeza só se materializou quando, aos 12 minutos do segundo tempo, do segundo jogo da decisão, o atacante Mazolinha cruzou uma bola para a área do Flamengo. A primeira impressão foi de que o lateral-esquerdo rubro-negro Leonardo iria dominar o lance. Pressentindo que a bola não estava perdida, o ponta-direita Maurício se antecipou e empurrou a bola para o fundo das redes. Começava a se concretizar o grito de todas as gerações de botafoguenses: "É campeão, é campeão!"

E com que justiça! O título foi sacramentado de forma invicta e indiscutível, com quinze vitórias, nove empates, 37 gols a favor e apenas onze contra. "Mas só acreditei quando o marcador eletrônico escreveu 'Botafogo campeão' ", disse o homem que trouxe a redenção ao Glorioso: o técnico Valdir Espinosa. No céu botafoguense, porém, a Estrela Solitária não passa de um símbolo, pois a conquista de 1989 entra para a história como o feito de uma constelação. Ricardo Cruz, Josimar, Wílson Gottardo, Mauro Galvão, Marquinhos, Carlos Alberto, Vítor, Luisinho, Maurício, Paulinho Criciúma, Gustavo, Jéfferson e Mazolinha emanaram uma intensa luz naquela noite de 21 de junho. Um brilho que libertou o Botafogo de todos os tabus e foi capaz de indicar o caminho da felicidade não só aos alvinegros, mas para quem quisesse ser feliz. □

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

O técnico Valdir Espinosa *(acima)* é carregado como herói do título de 1989, que, com o gol do ponta Maurício *(ao lado)*, encerrou de maneira brilhante a década dos botafoguenses

■ SELEÇÃO BRASILEIRA

VITÓRIAS DA NOVA GERAÇÃO

Conquistar a Copa América e superar o trauma chileno firmaram Bebeto, Romário & Cia.

Há tempos o Brasil não começa o ano da Copa do Mundo com tamanha tranqüilidade. O técnico tem o respeito de orcedores e jogadores, o time está 80% definido e a grande questão parece ser como encaixar rês craques no mesmo ataque. Toda essa paz é conseqüência dos resultados de 1989, um ano que, como outros, recheou de obstáculos o caminho da Seleção, mas marcou a arrancada definitiva de uma nova geração com a camisa amarela.

Udine, Itália, 27 de março: Brasil 1 x Resto do Mundo 2. A despedida de Zico da Seleção em uma partida que Sebastião Lazaroni aproveitou para observar os jogadores que atuam na Europa representou o fim de uma maravilhosa safra de craques — com Sócrates, Cerezo e Falcão, entre outros. Talentos que, por ironia, deixaram de escrever seus nomes entre os inesquecíveis campeões mundiais nas Copas de 1982 e 1986.

Estava aberto, assim, o caminho para Bebeto, Romário, Valdo e Cia., que, capitaneados pelo agora número 1 Careca, conquistaram em 1989, junto com a Copa América e a vaga nas eliminatórias, o status de líderes da nova geração do futebol brasileiro. Nessa fornada de craques, finalmente, abriu-se espaço para aqueles que deram ao país os mais expressivos títulos dos anos 80: o bicampeonato mundial de juniores.

Depois do trôpego início de testes e da malfadada excursão à Europa, o paciente Sebastião Lazaroni conseguiu armar com sucesso seu esquema na fase final da Copa América. Nele, brilharam Dunga e Bebeto, remanescentes — ao lado do reserva Geovani — do time de garotos campeão de 1983. Nele, também, despontaram Taffarel e Silas, jogadores que passamos a admirar — junto com o rebelde Müller — no bi de Moscou, dois anos mais tarde.

Para dar sabor a esse molho, que ainda tinha o tempero dos habilidosos Jorginho, Mauro Galvão, Mazinho e Branco, mestre Lazaroni tratou de dar uma mexida no requentado quadro tático dos times brasileiros. Atualizou a Seleção ao escalar o líbero, transformar os laterais em mais dois jogadores de meio-campo, usando ainda dois atacantes, livres para se deslocar em velocidade. Nada revolucionário ou que já não tenha sido empregado há anos por clubes europeus. Mas que, diante das cobranças

Careca *(9)* assume o posto de melhor jogador brasileiro da atualidade no comando de uma renovada linhagem de craques, que levou os chilenos à desesperada encenação de Rojas na decisão das eliminatórias

que limitam a ousadia e a criatividade dos técnicos brasileiros, caiu como uma pitada de pimenta numa feijoada sem gosto.

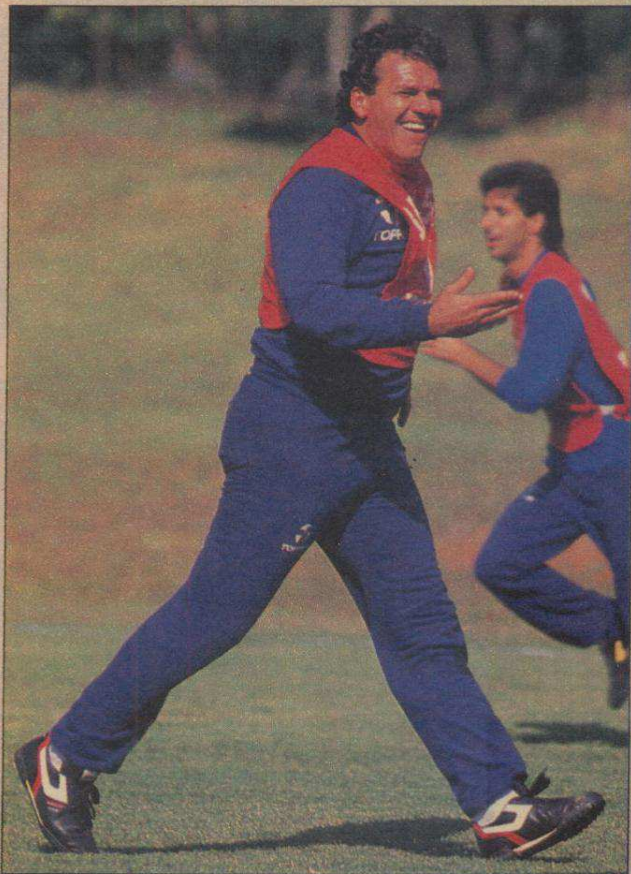
Foi saboroso ver tradicionais rivais sul-americanos terem uma indigestão em pleno Maracanã. Primeiro, a Argentina campeã mundial de Maradona, 2 x 0. Depois, os aguerridos paraguaios, 3 x 0. Por fim, os experientes uruguaios, com De León, Francescolli e Rubén Paz, que acabaram engolindo o 1 x 0, no mesmo 16 de julho no qual o Brasil perdeu o Mundial de 1950. Com o título da Copa América, conquistada depois de quarenta anos, a renovada Seleção passava pelo primeiro desafio.

Mas ainda faltava levar o Brasil ao Mundial e destronar o fantasma chileno — criado nos 4 x 0 do Sul-Americano anterior, em 1987, na Argentina. Motivados pelo incendiário Orlando Aravena, eles realmente acreditaram que poderiam ser os primeiros a eliminar os brasileiros de uma Copa. Doce ilusão. Sem conseguir vencer em Santiago e com 1 x 0 contra no Maracanã, a solução foi encenar uma agressão para tentar a realização de um terceiro jogo em campo neutro. Só conseguiram amargar o vexame de serem punidos pela FIFA, que não caiu na armação do goleiro Rojas.

Uma atitude desesperada que também serve de elogio à Seleção de Lazaroni. Afinal, os chilenos reconheciam ali sua inferioridade. Impotentes, preferiram arriscar tudo. Não deu certo. E, para consagrar essa nova linhagem de craques, o que poderia ser melhor do que ganhar da Itália, os donos da festa na próxima Copa, lá mesmo, e com um golaço de falta de André Cruz? Nada mais sugestivo: um jovem leva o Brasil à vitória em campos europeus bem ao estilo que consagrou a geração de Zico.

SEBASTIÃO LAZARONI

NEM BURRO, NEM GÊNIO

O técnico soube ter paciência diante das críticas e ousadia para definir o esquema

Descrever a trajetória de Sebastião Lazaroni em seu primeiro ano como técnico da Seleção aparentemente ofende a lógica. Numa velocidade meteórica, esse mineiro de Muriaé, aos 39 anos, passou de desprezado substituto de Carlos Alberto Parreira, que preferiu ficar na Arábia Saudita, ao mais "burro entre os burros" para, logo em seguida, ser saudado como o homem que "revolucionou o futebol no país".

Nem um, nem outro. Aqueles que duvidavam da competência de Lazaroni quando o treinador assumiu o cargo em janeiro deveriam, no mínimo, respeitar o currículo de quem foi tricampeão carioca — em 1986, pelo Flamengo e, nos dois anos seguintes, à frente do Vasco. Assim como questionar a inteligência do técnico durante a mal armada excursão à Europa e no campo de guerra de Salvador, na Copa América, é esconder a incompetência dos dirigentes. Mas santificá-lo pela adoção do líbero parece um exagero, certamente, creditado à euforia com a classificação para a Copa. Na verdade, sua grande contribuição foi popularizar uma idéia que já domina a Europa: no futebol, não existe mais posição fixa e, sim, função.

QUEM SUBIU E QUEM DESCEU

PERSONAGENS DE OITO A OITENTA

No último ano da década, o sucesso e o fracasso fizeram a história dos ídolos

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

BRASIL
A Seleção em alta com a Copa América, que Galvão ajudou a levantar, a classificação para o Mundial e o 1 x 0 na Itália

FRANÇA
Mesmo treinados pelo ídolo Platini, os franceses dão vexame e são eliminados da Copa por Iugoslávia e Escócia

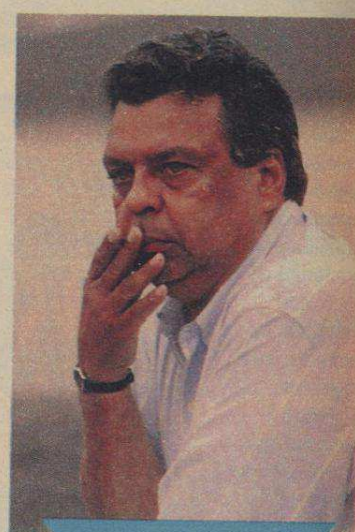
PAULO JOSÉ

BEBETO
Ele se tornou imprescindível para Lazaroni, ficou entre os melhores do mundo e foi pivô de uma barulhenta ida para o Vasco

NELSON COELHO

ROJAS
A encenação nas eliminatórias arruinou o goleiro chileno: foi suspenso pela FIFA, criticado em seu país e odiado no Brasil

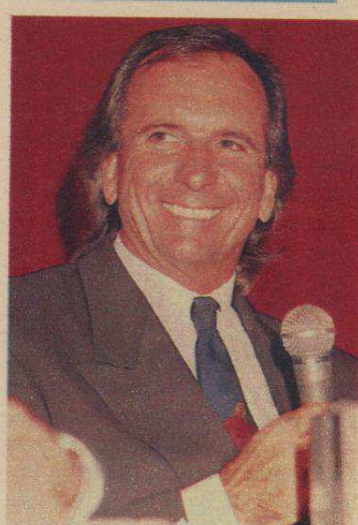
ARI GOMES

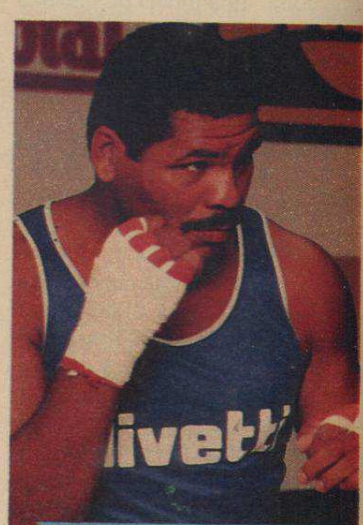
LAZARONI
Com a ousadia de quem fugiu, na Seleção, da mesmice tática dos técnicos brasileiros, ele ganhou a confiança da torcida e da CBF

CILINHO
Saiu do São Paulo e o time foi campeão estadual; depois de um recesso, assumiu o Guarani e acabou no torneio da morte

NILTON CLAUDINO

BOTAFOGO
A estrela solitária subiu, impulsionada pela dedicação dos jogadores, e conseguiu o título carioca, depois de 21 anos

ORLANDO KISSNER

CORITIBA
Na terra da malandragem, os paranaenses tentaram ser os mais malandros, foram à Justiça Comum e acabaram rebaixados

ORLANDO KISSNER

ÉMERSON FITTIPALDI
Ou *Emmo*, para os americanos, que vibraram com o campeão da Indy, assim como os brasileiros festejavam o velho *Rato* da F 1

MAGUILA
O sonho de desafiar o título mundial do peso-pesado Myke Tyson acabou na lona, nocauteado diante de Evander Hollyfield

O CRAQUE DO ANO

A briga já começou e você não pode ficar de fora. Afinal, o seu voto vai ajudar a escolher o melhor jogador do futebol brasileiro em 1989

REGULAMENTO

1. A promoção O CRAQUE DO ANO vai premiar o melhor jogador de futebol brasileiro da temporada de 1989.

2. A escolha será feita em três fases:
a. votação dos leitores; **b.** votação do Júri da Crítica Especializada, a ser indicado por PLACAR; e **c.** votação do Júri Especial de PLACAR.

3. PLACAR publicará os cupons para votação dos leitores e só computará os que chegarem à redação antes de 1.º de fevereiro de 1990. Cada cupom vale um voto e, depois de devidamente preenchido, deve ser remetido à revista PLACAR, Caixa Postal 2372, CEP 01051, São Paulo, SP. Semanalmente, será divulgada uma lista parcial dos jogadores mais votados.

§ 1.º — Poderão receber votos jogadores de futebol brasileiros que atuam em clubes do Brasil. Jogadores estrangeiros só receberão votos se estiverem atuando no Brasil.

§ 2.º — Não serão computados os votos enviados em cópias xerox nem aqueles que não forem despachados exclusivamente pelo Correio. Além disso, só será aceito o máximo de cinco cupons por envelope.

4. PLACAR submeterá os nomes dos dez mais votados pelos leitores ao Júri da Crítica Especializada, a ser formado por editores e colunistas dos principais jornais e emissoras de rádio e televisão do país. Daqueles dez nomes, este Júri escolherá os três que, no seu entender, mais se destacaram no ano de 1989. A partir desta lista tríplice, então, o Júri Especial de PLACAR — formado por jornalistas da redação da revista — elegerá o CRAQUE DO ANO.

§ único — O jogador que receber o prêmio O CRAQUE DO ANO por três vezes consecutivas ou alternadas será considerado hors concours.

5. Caso o CRAQUE DO ANO eleito pelo Júri Especial de PLACAR não seja aquele que recebeu o maior número de votos nos cupons, PLACAR concederá também o título de CRAQUE DO ANO ao jogador escolhido pelos leitores.

6. Os ganhadores dos anos anteriores (Zico, em 1981; Jorginho, em 1983; Sócrates, 1982 e 1983; Montanaro e Joaquim Cruz, em 1984; Ayrton Senna, em 1985; Careca, em 1986; Taffarel e Oscar Schmidt, em 1987; e Geovani, em 1988) fazem parte do Júri Especial de PLACAR, com direito a voto.

Zico 1981

Sócrates 1982/1983*

Jorginho** 1983

GALERIA COM OS MAIORES ÍDOLOS DESSA DÉCADA

De Zico, em 1981, na primeira edição da disputa, a Geovani, no ano passado, dez personalidades já conquistaram um dos títulos mais cobiçados do esporte nacional. Nesse tempo todo, só o meia Sócrates, hoje no Botafogo, de Ribeirão Preto, conseguiu repetir a dose: vencedor em 1982 e 1983

*Escolhido pelo Júri Especial de PLACAR
**Escolhido pelo voto dos leitores

Joaquim Cruz* 1984

Montanaro* 1984

Ayrton Senna 1985

Careca 1986

Oscar* 1987

Taffarel** 1987

Geovani 1988

O CRAQUE DO ANO

VOTO EM ______________________

CLUBE ______________________

Nome ______________________

Endereço ______________________

Cidade ______ Estado ______ CEP ______ Data de nascimento ______

• Preencha com uma letra em cada quadrinho
• Num envelope, envie para "PLACAR - O CRAQUE DO ANO", Caixa Postal 2372, CEP 01051, São Paulo, SP

Frases

JOGO DE PALAVRAS

As mais engraçadas, polêmicas e inteligentes frases em dez anos de muita discussão

EU ME AMO

"Sou o mafioso mais honesto do Paraná"

SERGIO SADE

Hélio Alves, supervisor do Atlético-PR, envolvido na máfia da Loteria (1983)

"Eu não nasci Platini. Eu me tornei Platini"
O próprio (1984)

"Agora todos acreditam em mim. Se disser que vou de bicicleta à Lua, ninguém vai duvidar"
Amyr Klink, após atravessar o Oceano Atlântico sozinho num barco a remo (1985)

"Eu sou f..."

NICO ESTEVES

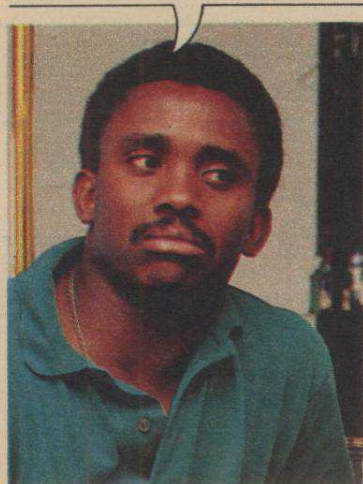
Neto, ao marcar um gol pelo Guarani no primeiro jogo final do Campeonato Paulista (1988)

"Eu é que sou f..."
Jair Pereira, técnico campeão do Corinthians em 1988

"Quando tem agito aqui em casa, até o Cristo Redentor tapa os olhos"

JORGE CYSNE

Renato Gaúcho, do Flamengo (1988)

"Não estou gordo. É que na Europa adquiri essa massa muscular"

ORLANDO KISSNER

Juary, ao chegar no Santos (1989)

"Não há contestação possível"
Emil Zatopek, fundista tcheco, campeão olímpico, ao comentar a eleição de Pelé como Atleta do Século (1981)

J.B. SCALCO

"Sou Fluminense desde quando era menino"

NICO ESTEVES

Roberta Close (1984)

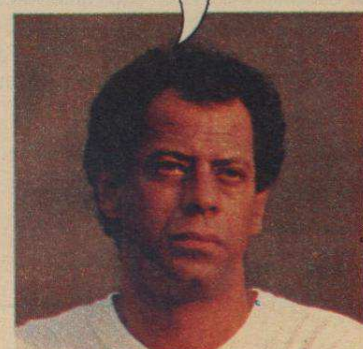
SOLTANDO O VERBO

"Há muita resistência a minha permanência no Inter porque o Rio Grande do Sul é um Estado racista"
Jair, meia colorado (1980)

"Vá guiar caminhão na cordilheira, gringo navalha!"

LEMYR MARTINS

Nelson Piquet, depois de ser abalroado pelo chileno Eliseo Salazar no GP da Alemanha (1982)

"Pelé é pé-frio. Toda vez que envia telegrama a uma equipe, esta equipe perde"

NELSON COELHO

Carlos Alberto Torres, então técnico do Flamengo, ao saber que o Rei apoiara o Santos na final da Taça de Ouro. O Santos perdeu (1983)

"Adão, vai à merda"
Faixa colocada no Maracanã pela torcida do Botafogo, irritada com as más atuações de Cláudio Adão (1988)

"Foi uma farsa"
Juan Carlos Loustau, juiz argentino que apitou Brasil x Chile, comentando a "agressão" contra o goleiro Rojas (1989)

PROFETAS DA BOLA

"Estamos disputando finais de copas européias há mais de dez anos. Por que temer o Flamengo?"
Bob Paisley, técnico do Liverpool, da Inglaterra, dez dias antes de perder a final do Mundial Interclubes por 3 x 0 (1981)

"Zico talvez não se adapte ao futebol italiano"
Pelé, pouco antes de o Galinho ser vice-artilheiro do Campeonato Italiano jogando pela Udinese (1983)

"Tenho 95% de chances de ficar na Ponte Preta"

RONALDO KOTSCHO

Sócrates, em agosto de 1985

"Tenho 5% de chances de ir para a Ponte"
Idem, uma semana depois

"Alemão é inegociável e ninguém quer contratá-lo"
Aurito Ferreira, diretor do Botafogo, uma semana antes de vender o passe do meia ao Atlético de Madrid, da Espanha (1985)

"Não me queixo, viajei o mundo inteiro pela CBF"
Otávio Pinto Guimarães, ao avaliar sua gestão como presidente da CBF (1988)

NO CAMPO DA FILOSOFIA

"Em vinte jogos, o Brasil nos vence em dezenove. Só que, naquele dia, por mais gols que fizesse, nós faríamos sempre mais um"
Tardelli, atacante italiano, após o Brasil 2 x Itália 3, nas quartas-de-final da Copa da Espanha (1982)

"Uma Ferrari é como uma mulher: não se deseja, compra-se"
Enzo Ferrari, dono da equipe de Fórmula 1 e da fábrica dos mais respeitados carros esportes do mundo (1985)

"Tenho amigos de direita, de centro e de esquerda. Estou sempre com o governo. Não tenho culpa se o governo muda de lado"

FLAVIO CIRO

Castor de Andrade, bicheiro e patrono do Bangu (1985)

"Jogador meu bebe, fuma, namora. É gente"

SERGIO BEREZOVSKY

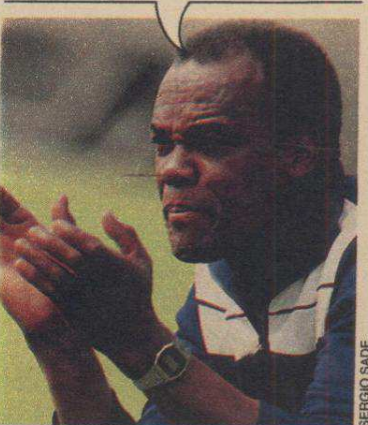
Moisés, na época técnico do Bangu (1985)

"O centroavante é o goleiro do avesso"

LEVI MENDES JR

Mirandinha, centroavante do Palmeiras (1986)

"Sexo antes do jogo só prejudica se atrasar o início da partida"

SERGIO SADE

Bebeto, preparador físico do São Paulo (1987)

"Quem nunca bateu numa mulher?"

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Josimar, então lateral do Botafogo (1988)

"O Nordeste só verá um título como o do Bahia daqui a trinta anos"

SILVIO PORTO

Bobô, meia tricolor, depois de seu time conquistar a Copa União (1989)

"Se tenho de chamar a atenção, falo bem alto para o jogador ficar envergonhado mesmo"

SILVIO PORTO

Leão, técnico do Palmeiras (1989)

O Melhor

DÉCADA RUBRO-NEGRA

Quatro títulos brasileiros, dois estaduais, campeão da Libertadores e Mundial... O Flamengo é o clube dos anos 80

Raul, Leandro, Marinho, Mozer e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Lico. Mal a década começava e esse time mostrava que seria difícil aparecer outro do mesmo nível. Por quê? O Flamengo ganhou todos os títulos da Terra com ele. Só isso bastaria para colocá-lo entre os melhores dos anos 80. Mas não foi tudo. A camisa rubro-negra desfilou pelos gramados do Brasil e do mundo um futebol empolgante, construindo para o clube a fase mais gloriosa de sua história.

O início aconteceu no Campeonato Brasileiro de 1980, numa final arrepiante contra o Atlético Mineiro. Armado pelo inteligente técnico Cláudio Coutinho, o time superou o Galo por 3 x 2 e quebrou o tabu do título nacional até então ausente na galeria do clube.

Os anos seguintes foram mais pródigos ainda. A lista de títulos brasileiros cresceu tanto que chegou ao hoje incomparável tetracampeonato. Na decisão de 1982, o Flamengo foi até Porto Alegre para vencer o Grêmio por 1 x 0 na própria casa do adversário. Em 1983, de volta ao Maracanã, o time despachou o surpreendente Santos de Serginho por 3 x 0. A série de vitórias só seria completada em 1987. Mas valeu a pena esperar. Ao vencer o Internacional por 1 x 0, o Flamengo conquistou a I Copa União numa jornada memorável de Bebeto, Renato Gaúcho e, claro, Zico.

Nada se assemelha, porém, ao ano de 1981. Foi um verdadeiro porre de títulos que começou no Campeonato Carioca, passou pela Taça Liberdadores e, glória maior, terminou no Mundial Interclubes *(veja na página 20)*. Junte-se a isso tudo o Estadual de 1986 e responda rápido: quem foi melhor, nos anos 80, que o Mengão? □

RODOLPHO MACHADO

FERNANDO PIMENTEL

1980
Até aquele ano, ser campeão brasileiro era algo inédito para o Flamengo. A escrita caiu numa emocionante final contra o Atlético Mineiro. Era só o começo...

J.B. SCALCO

1982
Com o status de campeão da Taça Libertadores e ainda do Mundial Interclubes, o Flamengo foi a Porto Alegre e "roubou" o título brasileiro na casa do Grêmio

1983
Foi a vez de o Santos sentir a força do Flamengo numa final de Brasileiro. O time de Serginho levou de 3 x 0 dentro do Maracanã, e os cariocas pareciam insuperáveis

1987
Os flamenguistas tiveram de esperar quatro anos até comemorar outro título nacional. Mas valeu a pena. O clube chegava ao incomparável tetracampeonato

MARCO A. CAVALCANTI

ZICO

O MAIOR DE TODOS

ARI GOMES

Juiz de Fora, 3/12/89: contra o Fluminense, o último jogo oficial

Gênio dentro de campo, conduta irretocável fora, Zico consolidou nos anos 80 a condição de maior jogador da história do Flamengo. Com todos os méritos, pois contribuiu decisivamente para que o clube conquistasse todos os títulos possíveis no mundo, sendo seu principal líder e artilheiro.

Não é difícil mostrar a importância de Zico. O Flamengo só conquistou títulos importantes com sua ajuda nesses dez anos. Quando ele se transferiu para a Udinese, na Itália, em meados de 1983, o clube — que ganhara três campeonatos brasileiros, um carioca, a Libertadores e o Mundial — de repente empacou. Zico voltou em 1985 e as voltas olímpicas recomeçaram.

Mas a década não trouxe apenas alegrias para o rubro-negro Zico. Caçado pelos adversários em campo, ele foi protagonista de um longo drama. As três operações no joelho esquerdo transformaram esses últimos anos em uma verdadeira via crucis de lentas recuperações e recaídas frustrantes. Tempos que os críticos adoravam chamá-lo de acabado e decadente. Fora da Gávea, ele lamenta a perda de dois títulos mundiais pela Seleção e, principalmente, o pênalti desperdiçado contra a França nas quartas-de-final da Copa do México em 1986.

Mas nada disso apagou a imagem de maior craque brasileiro desta década. Não foi à toa que 13 000 pessoas gritaram seu nome dia 2 de dezembro de 1989, no pequeno, mas lotado, estádio de Juiz de Fora, num Fla-Flu que marcava sua despedida em jogos oficiais. Zico merece isso e muito mais.

O ÊXODO DOS CRAQUES

O QUE IMPORTA É EXPORTAR

Nunca tantos jogadores deixaram o país atrás de fama e dinheiro nos clubes do exterior

GUERIN SPORTIVO

SÓCRATES

O meia trocou o Corinthians pela Fiorentina, da Itália, mas logo descobriu que a Europa não era tão boa assim

GUERIN SPORTIVO

FALCÃO

Com seu futebol elegante, ele conquistou o mundo, foi coroado como "o Rei de Roma" e se transformou no exemplo invejado por todos os outros jogadores brasileiros

PASTORE REPORPRESS

CARECA

O ex-centroavante do São Paulo faz parte da mais recente leva que invadiu a Itália, o grande eldorado dos nossos craques nessa década

Durante décadas, atuar em um clube estrangeiro e ser muito bem pago parecia privilégio de ídolos consagrados como Jairzinho, Paulo César Caju e Luís Pereira. Essa situação durou até o belo dia que os dirigentes europeus descobriram uma grande — e econômica — fonte de craques abaixo da linha do equador. Era o início da década do êxodo.

Diante da injusta competição entre o dólar e os sempre desvalorizados cruzeiro, cruzado e cruzado novo, logo uma frase se tornou a mais ouvida no vocabulário do futebol: "Quero fazer minha independência financeira na Europa". Ela também trazia consigo o desejo secreto de repetir a trajetória de Falcão, o meia do Internacional que, em 1983, levou a Roma ao título italiano depois de um jejum de 41 anos e se transformou em um dos mais invejados e ricos astros do mundo.

A Itália, por sinal, foi o grande eldorado da década. Ao lado de dezenas de estrelas de outros países, nossos craques formaram uma extensa lista de *brasiliani* que vai de Zico, na Udinese, a, mais recentemente, Careca, no Napoli, e Geovani, no Bologna *(veja quadro ao lado)*. Mas, se a passagem para o exterior representava um bom pé-de-meia, o sucesso não era garantido. Foi a dura constatação de Sócrates, Renato e Pita, entre outros, que retornaram ao Brasil debaixo de críticas e querendo distância do ex-clube.

Os campos italianos, porém, não eram o único destino desses brasileiros. Intermediados por uma legião de empresários, na qual se destacou o uruguaio Juan Figer, eles também foram aportar na França, Espanha, Suíça, Alemanha, México e Japão. Mas nenhum país mostrou o apetite de Portugal. Nos últimos anos, uma verdadeira avalancha cobriu a terrinha, o que foi facilitado pela dupla nacionalidade. Foram tantos — e muitos tão ruins — que a Federação local decidiu restringir o número de estrangeiros. Só que por aqui ninguém parece muito preocupado. Enquanto nossos clubes não conseguirem dinheiro suficiente para segurar suas estrelas, sempre será fácil tirar os melhores valores do país. □

AS PRINCIPAIS TRANSFERÊNCIAS

JOGADOR	POSIÇÃO	CLUBE DE ORIGEM	CLUBE COMPRADOR	VALOR(*)
1980				
Enéas	Atacante	Portuguesa	Bologna (Itália)	1 milhão
Falcão	Meio-campo	Inter-RS	Roma (Itália)	2,9 milhões
Juary	Atacante	Santos	América (México)	240 000
1981				
C.A. Pintinho	Meio-campo	Vasco	Sevilla (Espanha)	350 000
Júlio César	Atacante	Flamengo	Talleres (Argentina)	300 000
Guina	Meio-campo	Vasco	Murcia (Espanha)	500 000
1982				
Edinho	Zagueiro	Fluminense	Udinese (Itália)	500 000
1983				
Zico	Meio-campo	Flamengo	Udinese (Itália)	4 milhões
Elói	Meio-campo	Vasco	Genoa (Itália)	1 milhão
Toninho Cerezo	Meio-campo	Atlético-MG	Roma (Itália)	4 milhões
Batista	Meio-campo	Inter-RS	Lazio (Itália)	1 milhão
Luvanor	Meio-campo	Goiás	Catania (Itália)	1 milhão
Pedrinho	Zagueiro	Vasco	Catania (Itália)	1,2 milhão
1984				
Sócrates	Meio-campo	Corinthians	Fiorentina (Itália)	2,7 milhões
Júnior	Zagueiro	Flamengo	Torino (Itália)	1,3 milhão
1985				
Baltazar	Atacante	Botafogo	Vigo (Espanha)	100 000
1986				
Júlio César	Zagueiro	Guarani	Brest (França)	800 000
Branco	Zagueiro	Fluminense	Brescia (Itália)	525 000
Casagrande	Atacante	Corinthians	Porto (Portugal)	1 milhão
1987				
Alemão	Meio-campo	Botafogo	Atl. Madrid (Espanha)	700 000
Elzo	Meio-campo	Atlético-MG	Benfica (Portugal)	700 000
Careca	Atacante	São Paulo	Napoli (Itália)	3,1 milhões
Mozer	Zagueiro	Flamengo	Benfica (Portugal)	433 000
Dunga	Meio-campo	Vasco	Pisa (Itália)	Não revelado
Mirandinha	Atacante	Palmeiras	Newcastle (Inglaterra)	1 milhão
Oscar	Zagueiro	São Paulo	Nissan (Japão)	300 000
Tita	Meio-campo	Vasco	Bayer L. (Al. Oc.)	400 000
1988				
Pita	Meio-campo	São Paulo	Racing (França)	1 milhão
Müller	Atacante	São Paulo	Torino (Itália)	3 milhões
Silas	Atacante	São Paulo	Sporting (Portugal)	3 milhões
Carlos	Goleiro	Corinthians	Malatyaspor (Turquia)	600 000
Edmar	Atacante	Corinthians	Pescara (Itália)	1,4 milhão
Andrade	Meio-campo	Flamengo	Roma (Itália)	1,3 milhão
Renato	Atacante	Flamengo	Roma (Itália)	2,7 milhões
Ricardo	Zagueiro	Fluminense	Benfica (Portugal)	600 000
Aloísio	Zagueiro	Inter-RS	Barcelona (Espanha)	1,7 milhão
Lima	Atacante	Grêmio	Benfica (Portugal)	1,5 milhão
Edu	Meio-campo	Portuguesa	Torino (Itália)	750 000
Éverton	Meio-campo	Corinthians	Porto (Portugal)	300 000
Milton	Meio-campo	Coritiba	Como (Itália)	300 000
Romário	Atacante	Vasco	PSV (Holanda)	6 milhões
1989				
Geovani	Meio-campo	Vasco	Bologna (Itália)	3 milhões
Jorginho	Zagueiro	Flamengo	Bayer L. (Al. Oc.)	1,76 milhão
Edu	Meio-campo	Palmeiras	América (México)	1 milhão
João Paulo	Atacante	Guarani	Bari (Itália)	800 000
Gérson Caçapa	Meio-campo	Palmeiras	Bari (Itália)	350 000
Nílson	Atacante	Inter-RS	Celta (Espanha)	Não revelado
Maurício	Atacante	Botafogo	Celta (Espanha)	500 000

* Para facilitar a comparação, todos os valores foram convertidos em dólares.

PROFISSIONALIZAÇÃO

CLUBES DÃO UM PASSO À FRENTE

Apesar de fracassos clamorosos, o futebol brasileiro caminha, enfim, para a modernização

Em julho de 1987, o presidente da CBF, Otávio Pinto Guimarães, declarou que a entidade não tinha dinheiro para organizar o Campeonato Brasileiro. Parecia o fim do poço em meio a tantos desmandos e incompetência. Foi então que os dirigentes dos maiores clubes do país decidiram se unir para reerguer o futebol. Nascia o Clube dos 13 e, com ele, a primeira Copa União. Organizado dentro de um audacioso projeto de marketing, o novo torneio conseguiu arrecadar cerca de 6,5 milhões de dólares em contratos de publicidade, televisionamento, entre outros. Melhor ainda. A Copa União teve grandes jogos, criou ídolos e encheu estádios. Parecia o fim do pesadelo.

Foi então que os dirigentes dos maiores clubes do país decidiram atrapalhar tudo. Brigas por interesses pessoais esvaziaram o Clube dos 13 até transformá-lo numa instituição decorativa. Ao mesmo tempo, os cartolas não eram capazes de administrar as rendas extras da I Copa União e, em busca de lucro fácil, só encontravam uma solução: vender os craques do time para o exterior.

Diante das fracas rendas e péssimas exibições do último Campeonato Brasileiro, o crítico mais ferino dirá que a prometida "redenção do futebol" foi um malogro. É um exagero. A falecida Copa União e o hoje impotente Clube dos 13 fazem parte de um movimento mais amplo dentro dos anos 80. Época que o futebol tentou sair da Idade Média para a Era do Profissionalismo. Uma década de transição com derrotas clamorosas e poucas, mas importantes, vitórias.

Afinal, os últimos dez anos viram preconceitos caírem quando a propaganda nas camisas trouxe uma nova renda para os clubes. No princípio, em 1982, apenas o Internacional ousava estampar o nome de uma empresa no até então imaculado uniforme. Hoje, os pioneiros gaúchos são imitados por todos.

Da mesma forma, o exemplo de boa administração de clubes como São Paulo vai-se espalhando pelo país. Falta muito ainda, é verdade. Mas falta menos que no início da década. □

Depois de um início tímido, com contratos para uma partida, o Internacional assumiu a publicidade nas camisas e logo foi imitado por todos

FLAVIO RODRIGUES

IRMO CELSO

Na decisão do título paulista de 1983, os jogadores do Corinthians entram com uma faixa no gramado: defesa da liberdade e fim do autoritarismo

DEMOCRACIA CORINTIANA

REVOLUÇÃO NO CAMPO

"Ganhar ou perder, mas sempre com democracia." Assim era a faixa que o Corinthians levou para dentro de campo, no Morumbi, dia 14 de dezembro de 1983. Uma frase perfeita para expressar o ambiente que o time vivia justamente quando disputaria o bicampeonato paulista contra o São Paulo. O pensamento expressava o desejo de muitos e era uma resposta aos impiedosos críticos que confundiam o novo esquema de trabalho com indisciplina e presunção.

O empate de 1 x 1 com o tricolor garantiu o título. Mais ainda: marcou a vitória de uma revolução no relacionamento entre o jogador e o clube. "Sempre imperou o paternalismo", percebia o meia Sócrates, um dos principais entusiastas do movimento desde sua formação, em 1982. Naquele ano, com Waldemar Pires na presidência e Adílson Monteiro Alves como diretor, o Corinthians muda a estrutura arcaica de seu futebol.

A idéia básica era de cooperação entre os jogadores, com a divisão de responsabilidades acabando, por exemplo, com a monotonia das concentrações para os casados e permitindo que todos se manifestassem. A iniciativa, apesar de muitas pressões, teve êxito até 1985, quando o poder mudou de mãos no clube e o esquema antigo retornou. Terminava um importante capítulo da história alvinegra.

Os grandes clubes se revoltam contra a incompetência da CBF e, em 1987, numa reunião histórica *(ao lado)* fundam o Clube dos 13

FLAMENGO CAMPEÃO DO MUNDO DE 1981

O NOVO SENHOR DO FUTEBOL

Sob o comando de Zico, o time derrota o Liverpool e reina, em 1981, como o melhor da Terra

Em 1981, o Flamengo já havia conquistado a Taça Guanabara, o Campeonato Carioca e a Taça Libertadores da América. Aplicara uma goleada histórica de 6 x 0 no Botafogo e chegava ao fim da temporada com uma performance invejável. Dos títulos disputados, só não levou o Brasileiro. Tudo isso, no entanto, ficaria em segundo plano no dia 13 de dezembro. O jogo com os ingleses do Liverpool, em Tóquio, capital do Japão, era simplesmente o momento mais importante da história do clube. Era a final do Mundial Interclubes, o momento tão esperado pelo Flamengo para provar que era o melhor time da Terra.

Preocupado, mas confiante, o capitão Zico alertava os companheiros antes da partida: "Hoje, temos de dar uma prova de dedicação. Ninguém tentará mostrar que sabe mais que o companheiro. Temos de ser Flamengo como nunca". Os conselhos do Galinho eram oportunos para quem, dali a instantes, iria enfrentar estrelas como Souners e Dalglish. Era jogo mais que duro.

Mas não foi. O Flamengo entrou em campo tão inspirado e à vontade que as jogadas saíam perfeitas como em um bom treino. Aos 35 minutos do primeiro tempo, o temível Liverpool já perdia por 2 x 0, gols de Nunes e Adílio, ambos com participação de Zico. O terceiro não demorou. Zico, sempre ele, lançou na medida para Nunes fazer o terceiro e matar de vez os ingleses.

No segundo tempo, os brasileiros apenas tocaram a bola esperando que o Liverpool partisse em desespero. Mas não houve reação. Fim de partida, 3 x 0, Flamengo campeão e o técnico derrotado Bob Paisley reconhece a superioridade rival. "Vocês jogam de uma maneira que desconhecemos", espantou-se. "Vocês dançam."

A frase mais lúcida sobre o feito de Tóquio, entretanto, veio de Zico. "Nosso time conseguiu um estágio que só o Santos de Pelé atingiu", dizia sem que ninguém o contestasse. Os fatos — e o mundo maravilhado — estavam a seu lado. □

O centroavante Nunes marca o primeiro gol na decisão: até mesmo os adversários ficaram maravilhados com o Mengo

MARCELO REZENDE

GRÊMIO CAMPEÃO DO MUNDO DE 1983

UMA EMOÇÃO INFINITA

Foi mais que indescritível o delírio dos tricolores ao pintarem a Terra de azul

Quando alcança a glória suprema, um clube cria para si alguns problemas agradáveis. Veja-se, a propósito do título mundial do Grêmio em 1983 — 2 x 1 sobre o alemão Hamburgo, em Tóquio —, o que escreveu o cronista colorado Luís Fernando Veríssimo: "Quando o Internacional foi campeão brasileiro pela primeira vez, não nos parecia adequado comemorar a realização de um sonho impossível com as mesmas palavras e gestos com que se comemoram as vitórias razoáveis. Era preciso outro vocabulário, uma maneira ainda não inventada de ser feliz. Imagino que meus amigos gremistas estejam hoje com o mesmo problema".

Não era uma alegria indescritível, era uma alegria inexpressável. No limite de seu delírio, por exemplo, o comentarista Paulo Sant'Ana, da Rádio Gaúcha, só conseguia aconselhar: "Façam amor, casais gremistas, produzam novos tricolores até superpovoar a Terra"

O êxtase, o momento que se exclamou, como Gagárin, que a Terra era azul, veio num momento redondo da história do Grêmio — aos oitenta anos. E como o time se preparou para aquele 11 de dezembro! Desde 28 de julho, quando conquistaram a Libertadores, os gremistas não agiram em função de outra coisa. O Campeonato Gaúcho foi jogado às favas. E, entre uma partida e outra, longas concentrações e treinamentos intermináveis.

O ponta Renato marca o segundo gol sobre os alemães do Hamburgo: os japoneses pareciam suecos vendo Garrincha em 1958

Mas como valeu a pena! Tanto o primeiro gol de Renato, aos 38 do primeiro tempo, quando entortou a defesa alemã, como no segundo, aos 3 da prorrogação, os torcedores gaúchos e japoneses mais pareciam suecos vendo Garrincha na Copa de 1958. Enfim, nada poderia ser maior que o título de campeão mundial. Não mesmo? Eis o outro problema. Ao atingirem o máximo nessa espécie de alegrômetro, os gremistas só pensam em atingi-lo novamente. Uma obsessão que leva o clube a entrar nos anos 90 de olho na Libertadores — que volta a disputar em março — e em Tóquio. Infinita obsessão. □

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1986

UMA BATALHA INESQUECÍVEL

Com domínio da bola e da emoção, o São Paulo derruba o bravo Bugre nos pênaltis

De todas as finais de campeonatos brasileiros, disputadas desde 1971, nenhuma provocou tanta emoção como a de 1986. De um lado, o São Paulo comandado pela genialidade de Careca. Do outro, o Guarani do aguerrido atacante Evair. Não era apenas uma partida decisiva — tratava-se de uma batalha disfarçada em jogo de futebol, que agitou a noite de 25 de fevereiro de 1987, quando as equipes decidiram a taça no Brinco de Ouro, em Campinas.

O tricolor, treinado por Pepe, começou nervoso e, logo a 1 minuto, o lateral Nelsinho fez contra. O empate veio 8 minutos depois, com Bernardo. O resultado persistiu até o final, prometendo uma prorrogação emocionante. Pita, também a 1 minuto, pareceu dar o título ao São Paulo. O Guarani, porém, provou que não estava morto e reagiu. Boiadeiro empatou e João Paulo virou: 3 x 2. A partida já invadia a madrugada e o Brinco festejava o título. A 1 minuto, porém, o zagueiro tricolor Wágner, que havia falhado no terceiro gol alviverde, recebeu a ordem de Gilmar: "Chuta *pro* Careca!" Era o toque de gênio que faltava — a bola caiu justamente no pé esquerdo do artilheiro, que empatou.

Depois de o mesmo Careca e de Boiadeiro errarem suas cobranças de pênaltis, coube a Wágner a missão decisiva. O zagueiro chutou fraco, a bola percorreu 11 m de angústia e foi repousar, mansinha, no gol: 4 x 3. O São Paulo conquistava seu segundo Campeonato Brasileiro e a madrugada amanhecia em vermelho, preto e branco. □

Sob o comando e a inspiração de Bobô, o Bahia surpreendeu o Internacional de Norberto e, em pleno Beira-Rio, arrematou o título da Copa União de 1988

CARLOS FENERICH

O São Paulo de Silas não conseguiu vencer o Guarani no tempo normal e na prorrogação, mas contou com muita inspiração nos penais para se sagrar campeão

ORLANDO KISSNER

■ COPA UNIÃO DE 1988

FESTA BAIANA, FESTA DO POVO

Com futebol alegre, o Bahia reconquista um título brasileiro depois de 29 anos

A pedidos, a Prefeitura de Salvador preferiu passar por cima da Quarta-Feira de Cinzas e, em 1989, estendeu o Carnaval até o fim de semana seguinte. Mas, nesse ano, a festa poderia durar ainda mais. Afinal, não é sempre que o Bahia conquista o título brasileiro. Uma glória inesquecível que pode ser resumida nos jogos finais contra o Internacional.

No primeiro, em sua casa, a Fonte Nova, dia 15 de fevereiro, o Bahia mostrou a principal qualidade do time: futebol moderno, de rápidos toques de bola e objetividade no ataque. Foi assim que, de virada, venceu por 2 x 1, sob o comando de Bobô. Refinado mas aguerrido, Raimundo Nonato Tavares da Silva foi quem apresentou a outra arma do time, no jogo de volta, em Porto Alegre: personalidade.

O Bahia ignorou as pressões da torcida e, para espanto geral, buscou a vitória na casa do adversário, dia 19 de fevereiro. Em campo, o tricolor tinha o objetivo claro de repetir a conquista de 1959, quando pela primeira e, até então, única vez o Bahia conquistou um campeonato nacional, a Taça Brasil. E, para repetir a dose, raça e determinação eram imprescindíveis. Não deu outra: Inter 0 x Bahia 0. O ponto necessário para o título. O título necessário para o Carnaval na Bahia não terminar tão cedo. □

TAÇA DE OURO DE 1985

FINAL SÓ PARA ZEBRÕES

Na final da Taça de Ouro de 1985, tudo parecia em ordem naquele dia 31 de julho. Animados, 91 527 torcedores enchiam o Maracanã e, sem grandes atrasos, a decisão começou logo. Mas, no lugar dos tradicionais favoritos ao título, estavam Bangu e Coritiba, times com glórias menos pomposas.

A dupla finalista, porém, refletia a bagunça do futebol brasileiro. Com 44 clubes e um labirinto de grupos e fases, o torneio só interessou aos políticos às vésperas da eleição para presidente da CBF. Indiferentes às críticas, Bangu e Coritiba apenas queriam correr atrás de seu primeiro título nacional.

Os paranaenses saíram na frente, mas, ainda no primeiro tempo, o Bangu empatou. Para azar do ponta Ado, do time carioca, a igualdade persistiu na prorrogação. Azar porque o destino quis que o atacante, com seu chute para fora, se transformasse no homem que perdeu o pênalti decisivo — 6 x 5 para o Coritiba, que, desgraçadamente, hoje amarga a humilhação de ter sido rebaixado para a Divisão Especial.

Depois do empate no tempo normal em 1 x 1 com o Bangu *(à direita)* e a vitória nos penais (6 x 5), o Coritiba festejou *(abaixo)* seu inédito título brasileiro

FOTOS LUIS CARLOS DAVID

FLUMINENSE
TRICAMPEÃO CARIOCA

ALEGRIA EM DOSE TRIPLA

A força de um tricolor irresistível

O goleiro Paulo Victor festeja o gol do ponta Paulinho: uma virada emocionante sobre o Bangu, que garantiu o terceiro título carioca consecutivo

RICARDO BELIEL

No dia 3 de dezembro de 1983, o Maracanã começava a registrar o início de uma nova era. No lugar do Flamengo, agora sem seu grande líder Zico, vendido para a Itália, o Rio de Janeiro testemunhava a ascensão de outro grande time. Chegara a vez de Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo e Branco; Jandir, Delei e Assis; Leomir, Washington e Paulinho. Nàquele domingo, o Fluminense dava o primeiro passo numa das mais belas campanhas de sua história. Venceu o próprio Flamengo por 1 x 0 para, três dias depois, comemorar o título carioca com a vitória rubro-negra sobre o Bangu — o terceiro time da fase final.

Durante três anos, os felizes torcedores do Fluminense se divertiram com a inútil luta dos rivais para segurar essa nova versão da "Máquina Tricolor dos anos 70". Afinal, quem poderia deter a raça e a dedicação de Leomir e Jandir? Tão difícil quanto impedir os cruzamentos precisos de Paulinho, os dribles do paraguaio Romerito, que se juntou mais tarde ao grupo, ou lançamentos precisos de mestre Delei.

Mas aquele Fluminense tinha muito mais. Tinha Assis e Washington, o Casal 20, uma dupla que parecia crescer nas decisões. Foi assim nos títulos cariocas de 1983 e 1984, quando se encarregaram de destroçar o Flamengo.

Esse conjunto de Paulo Victor a Paulinho, porém, nunca foi tão perfeito quanto na noite de 18 de dezembro de 1985. Numa virada dramática e espetacular, o Fluminense derrotou o Bangu por 2 x 1. Era a vitória do tri! Tricolor! □

CORINTHIANS
BICAMPEÃO PAULISTA

VITÓRIAS, TALENTO E DEMOCRACIA

A receita ideal para uma grande conquista

O marcador eletrônico do Morumbi apontava 45 minutos do segundo tempo quando Sócrates recebeu um magnífico passe de calcanhar de Zenon e fulminou para a meta são-paulina, fazendo 1 x 0 e consolidando o bicampeonato para o Corinthians. O gol enlouqueceu o estádio naquela noite de 14 de dezembro de 1983, que nem viu o empate do São Paulo, minutos depois, já nos descontos. Mais que voltar a conquistar um bicampeonato paulista depois de 31

Sócrates *(centro)*, um dos líderes da Democracia Corintiana, comanda a festa: conquista que os alvinegros não viam há exatos 31 anos

PEDRO MARTINELLI

anos, o Corinthians festejava a vitória da abertura e do diálogo.

Afinal, em 1982, sob a liberdade da Democracia Corintiana, os jogadores se convenceram de que podiam pensar por si mesmos. Assim, capitaneado pelo meia Sócrates, o time realizou a melhor campanha do Campeonato Paulista — em quarenta jogos, foram 26 vitórias, oito empates e apenas seis derrotas. Revelou também o artilheiro Casagrande, que marcou 28 gols — o último selou a vitória alvinegra de 3 x 1 na final, também contra o São Paulo, dia 12 de dezembro. Mas, acima da conquista, os corintianos vibravam com a consolidação de uma nova mentalidade administrativa.

Foi com essa tranqüilidade, aliás, que o clube repetiu a dose no ano seguinte — em sua caminhada rumo ao bi, o Corinthians fez 48 jogos, ganhando 24, empatando dezessete e perdendo apenas sete. Um retrospecto marcado principalmente pela inteligência de Sócrates, a raça de Biro-Biro, a força de Casagrande, a experiência de Wladimir e o humor de Juninho, que, depois da vitória, brincou: "O estádio agora vai se chamar só Morum, porque bi somos nós". □

Em 1987, Tita fez o gol do título e saiu numa corrida maluca. No ano seguinte, foi a vez de o lateral Cocada virar herói

ANTONIO C. MAFALDA

■ VASCO
BICAMPEÃO CARIOCA

O TÍTULO MAIS DOCE DO RIO

A doce festa de um time quase perfeito

Aquele 22 de junho de 1988 ficou para sempre na história do Vasco. Foi de uma maneira doce e toda especial que o Rio de Janeiro viu o time derrotar o arqui-rival Flamengo por 1 x 0 e assegurar o terceiro bicampeonato estadual do clube — os outros aconteceram em 1923 e 1924, e 1949 e 1950.

Foi também o mais doce dia na vida do lateral Cocada. De simples reserva, ele virou herói ao marcar o gol que assegurou o título apenas 3 minutos depois de ter entrado no lugar do ponta Vivinho. Aos 44 minutos do segundo tempo, Cocada avançou pela direita, cortou o zagueiro Edinho e fulminou de pé esquerdo no ângulo, sem chance para o goleiro Zé Carlos.

Um ensurdecedor coro de "bicampeão" tomou conta do Maracanã. Com toda a justiça. Afinal, o Vasco repetira, em 1988, a bela campanha do ano anterior. Em 1987, o talento e a raça de Dunga e Tita, autor do gol decisivo contra o mesmo Flamengo, fizeram do time de São Januário uma máquina que passava por cima dos rivais. No campeonato seguinte, eles não estavam lá. Mas não faltaram estrelas para substituí-los. Era a vez de os baixinhos Romário e Geovani brilharem. O primeiro, um artilheiro nato, fez 32 dos 104 gols marcados pelo Vasco nos dois anos. O segundo assumiu com maestria o comando do time no lugar do ídolo Roberto Dinamite, que passou boa parte da temporada machucado. O bi de 1987 e 1988, no entanto, foi a consagração do técnico Sebastião Lazaroni, que, dali, abriu o caminho para chegar à Seleção Brasileira. □

■ COPA DE 1982

A VIRADA DE UM TIME FERIDO

A Azzurra cala a boca dos paparazzi

Nos dois anos que antecederam a Copa da Espanha, em 1982, havia uma espécie de unanimidade entre os torcedores italianos. Diante de forças como Argentina, Alemanha Ocidental e, principalmente, Brasil, a Squadra Azzurra era uma séria candidata ao vexame, algo parecido com o que aconteceu em 1974. As primeiras partidas do Mundial reforçaram essa crença. Na fase classificatória, foram três frustrantes empates com Polônia, Peru e Camarões, e uma grande briga entre o time e a imprensa, que provocou o boicote dos jogadores contra os *paparazzi*. A guerra estava declarada.

Mudos, e acima de tudo unidos, os italianos empreenderam a reviravolta mais comentada da Copa. Venceram os temidos argentinos por 2 x 1 na segunda fase e, logo depois, no dia 5 de julho, derrotaram o Brasil por 3 x 2, no mais emocionante e dramático jogo do Mundial. Para os brasileiros, a desclassificação ficou conhécida como a tragédia de Sarriá — estádio em Barcelona onde aconteceu a façanha italiana. Foram três gols de Paolo Rossi que despacharam a Seleção de Zico, Sócrates, Falcão e fizeram do atacante o eterno carrasco do país do futebol.

Dois favoritos, Brasil e Argentina, já haviam ficado no meio do caminho. Passar pela Polônia, nas semifinais, não foi complicado e, de novo, Paolo Rossi deixou sua marca ao assinalar dois gols. Faltava derrubar a terceira força da Copa: a Alemanha Ocidental, na decisão do título. Para os mais otimistas, tudo estava sob controle porque os tedescos eram considerados fregueses de caderneta. A Itália não decepcionou. Com gols de Paolo Rossi — o sexto, que lhe garantiu a artilharia do torneio —, Tardelli e Altobelli para a Azzurra e Breitner do lado alemão, a taça possuía um novo dono. E, como o Brasil, os italianos entraram para a galeria dos tricampeões mundiais. □

GAMMA

O veterano goleiro Zoff, capitão de um time desacreditado: a Itália supera as críticas e fatura o tricampeonato

■ COPA DE 1986

O ESPÍRITO DE MANÉ EM MARADONA

O gênio conduz a Argentina ao título

Desde 1962, no Chile, quando Mané Garrincha entortou uma série infindável de "joões", como eram conhecidos seus marcadores, até chegar ao título, o mundo não via um único jogador ser tão fundamental para a conquista de uma Copa. Sim, a Argentina de 1986 tinha a inteligência do atacante Valdano, a segurança do volante Batista, a raça do líbero Brown e, no banco, a astúcia do técnico Carlos Bilardo. Mas tudo, incluindo qualquer adversário, perdeu seu brilho diante da genialidade de Diego Armando Maradona.

Em apenas sete partidas o pequeno argentino chegou ao indiscutível posto de melhor jogador do mundo. Reinado que começou no dia 2 de junho na vitória contra a violenta Coréia do Sul e atingiu o auge quase um mês depois, dia 29, nos 3 x 2 contra a Alemanha Ocidental, na sofrida final da Copa do México.

Entre uma data e outra, Maradona produziu algumas das mais belas e inesquecíveis cenas do Mundial — e da própria história do futebol. A Inglaterra seria a infeliz espectadora em duas delas. Na primeira, o cruzamento muito alto para seu 1,68 m virou um belo gol graças a um leve e irregular toque na bola. "Foi um gol com a minha cabeça e a mão de Deus", disse depois. Aos atônitos súditos da rainha, no entanto, Maradona reservara ainda o mais majestoso lance do torneio. De repente, aos 10 minutos do segundo tempo, ele começou uma longa carreira que deixou para trás cinco ingleses, o goleiro Shilton e só terminou no gol. Um lance devidamente

SERGIO SADE

homenageado com uma placa no Estádio Azteca.

Esses dois momentos deixariam qualquer mortal, por pior que fosse seu time, na memória de todos. Mas para Maradona, que na Copa anterior não passara de uma decepção, faltava algo. A vitória contra os alemães completou a festa. □

Maradona ergue a taça: o autor de belas e inesquecíveis cenas da história do futebol se consagra como o melhor do mundo

AMARELINHA PASSA EM BRANCO

SONHO DO TETRA ADIADO

PEDRO MARTINELLI

GAMMA/SIGLA

Paolo Rossi faz três gols contra o Brasil em 1982 *(acima)* e Zico perde um pênalti contra a França em 1986: a arte dos canarinhos naufraga nas duas Copas da década

Em campo, os craques Oscar, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico e Éder atemorizavam os adversários. No banco, o conceituado técnico Telê Santana orientava essa legião de feras. O prestígio da Seleção Brasileira era tão incontestável que a delegação desembarcou na Espanha, em 1982, disparada na bolsa de apostas para faturar sua quarta Copa do Mundo. Tudo levava a crer que as previsões se confirmariam. Como num efeito dominó, os canarinhos foram derrubando um a um seus inimigos: União Soviética, Escócia, Nova Zelândia e Argentina.

Mas tinha uma pedra no meio do caminho. O Brasil enfrentaria a Itália e um simples empate o conduziria às semifinais. O Estádio de Sarriá, porém, reservava a mais amarga recordação aos torcedores brasileiros dos últimos tempos. O verdugo Paolo Rossi marcou três gols, a Itália venceu por 3 x 2 e toda a crítica mundial chorou a desclassificação de um time que encantava com toque de bola de refinada técnica.

Aquela geração de craques envelheceu quatro anos, mas Telê Santana julgava que a experiência adquirida no desastre de Sarriá acabaria sendo proveitosa. No México, em 1986, ele procurou mesclar a juventude de Júlio César, Branco, Müller e Silas com a maturidade de Júnior, Zico, Sócrates e Falcão. O plano surtiu efeito, até a chegada da partida com a França, que valeria a vaga às semifinais. O marcador apontava 1 x 1 e a classificação estava nos pés de Zico. Mas o Galinho desperdiçou um pênalti e o Brasil viu desabar sobre si a chance de ganhar o tetra. Na decisão dos pênaltis, a França levou a melhor e condenou o Brasil a passar a década em branco nas Copas. □

DEZ ANOS NAS SOMBRAS

DÉCADA QUE NÃO DEIXA SAUDADE

Com a virada do calendário, alguns tratam de esquecer uma fase difícil, marcada pelo estigma da derrota

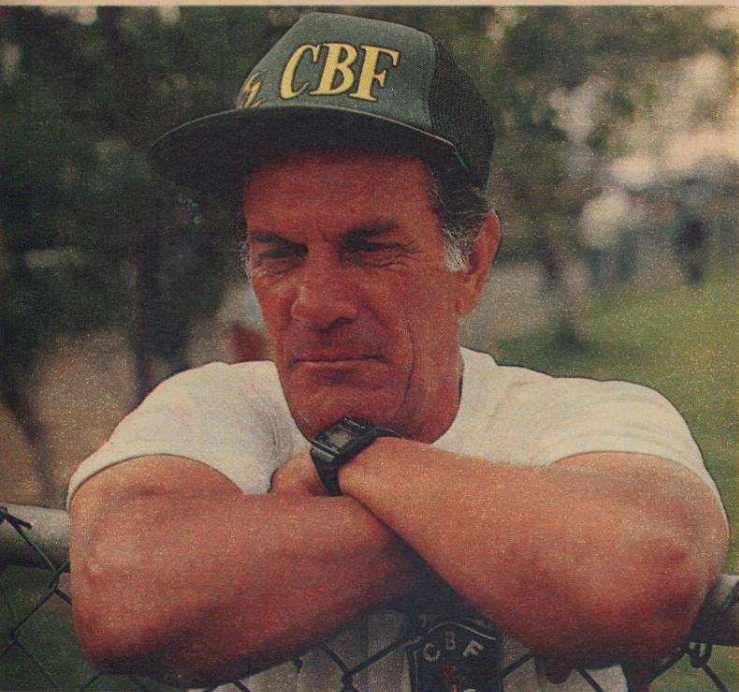
PEDRO MARTINELLI

J.B. SCALCO

△ **CARLOS**
Às vésperas de decidir o Campeonato Paulista de 1988, contra o Guarani, Carlos se contundiu. Quem acabou saindo na fotografia de campeão foi o então reserva Ronaldo. Na Copa de 1986, pulou no canto certo para defender um pênalti da França. Mas a bola explodiu na trave, bateu em suas costas e entrou. Por essas e outras, o Brasil foi eliminado. Cenas que comprovam que a sorte nunca foi companheira do goleirão

△ **ALEMANHA**
A Alemanha foi o país que mais decidiu Copas do Mundo, mas também o que mais perdeu. Só nessa década, caiu diante da Itália, em 1982, e da Argentina, quatro anos depois. Nas finais da Copa Européia, em sua própria casa, em 1988, foi eliminada e não justificou seu favoritismo

SERGIO BEREZOVSKY

◁ **JORGINHO**
Sem títulos no Palmeiras, ele se mudou para o Corinthians, onde a sina de pé-frio se manteve. Idem no Fluminense e no Grêmio, que já tinha abandonado quando o clube se sagrou pentacampeão gaúcho. Guarani e Santos foram as próximas paradas, razão para que não exista mais nenhuma badalação em torno de seu nome

PEDRO MARTINELLI

SILVIO PORTO

TELÊ SANTANA
O título de campeão mineiro conquistado pelo Atlético no ano passado não foi o bastante para apagar a desgastada imagem de perdedor. Considerado por muitos um teimoso, ele dirigiu a Seleção em duas Copas consecutivas, mas caiu em desgraça por não ganhar nenhuma delas. Para o torcedor, um fato imperdoável

SANTOS
Pergunte ao torcedor do Santos a escalação de sua equipe e talvez nem ele saiba responder. Pudera: hoje, o Santos é um time desfigurado, sem estrelas, que sobrevive mais pelo passado que pelas vitórias dentro de campo. Nesta década, apenas uma vez, em 1984, o Santos foi campeão

SERGIO BEREZOVSKY

PALMEIRAS
Pela primeira vez em sua história, o Palmeiras cruzou uma década sem conquistar um Campeonato Paulista. O clube já contabiliza treze anos sem vestir uma faixa, uma dor que aumentou ainda mais em 1986, quando decidiu contra a Inter de Limeira e, diante de sua torcida, deixou escapar a taça

LEMYR MARTINS

INTERNACIONAL
Um time que observa o maior inimigo conquistar a Taça Libertadores, o Mundial Interclubes e cinco vezes o Campeonato Gaúcho não pode ser feliz. Teve de amargar ainda o bi-vice da Copa União, em 1987 e 1988, quando levou a pior contra Flamengo e Bahia — em casa! Sem contar a desclassificação da Libertadores para o Olimpia também no Beira-Rio

LOTERIA ESPORTIVA
Logo que PLACAR desmascarou a máfia em 1982, a Loteria perdeu inteiramente sua credibilidade. O surgimento da Sena e da Loto contribuiu para a queda do volume de apostas — que ganhou novo alento neste ano depois que retornou com treze jogos, em vez de dezesseis, e outro nome: Loteca

VIOLÊNCIA

TRAGÉDIA NAS ARQUIBANCADAS

A selvageria dos hooligans *ingleses mancha os campos de futebol com centenas de mortos*

O Estádio Heysel, na Bélgica, vai ser destruído e um outro será erguido em seu lugar. A intenção é esquecer o dia 29 de maio de 1985, quando a Juventus venceu o Liverpool por 1 x 0, na final da Copa dos Campeões. Mero detalhe, perto do que aconteceu antes do jogo. Os *hooligans* partiram com paus, garrafas e barras de ferro para cima dos italianos. O saldo foi de 39 mortos e quase quinhentos feridos. A maioria pisoteada.

Os times da ilha foram proibidos, pela FIFA, de participar de competições internacionais. Por uma ironia macabra, a suspensão terminou em abril deste ano. No mesmo mês, dia 15, mais 108 pessoas morreram e outras duzentas ficaram feridas no jogo entre Liverpool e Nottingham, em Sheffield, campo neutro. Ainda assim, 54 000 torcedores lotaram o estádio e milhares ficaram de fora, forçando os portões, que acabaram abertos pela polícia. Os de fora prensaram os de dentro. Tragédias que marcaram com a cor do Liverpool — vermelha — os piores momentos do futebol na década. □

ALL SPORT/DAVID CANNON

ALL SPORT

A desumana violência dos torcedores ingleses em Heysel *(acima)* e em Sheffield *(ao lado)*: saldo de 147 mortos nos dois estádios

VERGONHA ORGANIZADA

O Campeonato Inglês existe há mais de cem anos e, em todas as suas divisões, o rebaixamento e o sistema de pontos corridos são religiosamente respeitados. Também é um produto local a selvageria dos *hooligans*. O Brasil resolveu importar algo do futebol mais antigo do mundo e trouxe, é claro, o que tinha de pior.

ENNIO BRAUNS

A torcida palmeirense Mancha Verde em ação: a polícia luta para controlar

Os *hooligans* tropicais proliferam dentro das torcidas organizadas. Destas, a de maior fama é a Mancha Verde, do Palmeiras. Um grupo de 6 000 pessoas cujo principal passatempo é enfrentar a polícia de outras cidades e apedrejar ônibus de linha. A Mancha, contudo, não é a única. No último Brasileiro, as torcidas de Vasco e Flamengo se envolveram num conflito que deixou dezesseis feridos. Maus torcedores, que conseguiram ser ainda piores para o futebol nacional que a cartolagem incompetente.

ADEUS

AS ESTRELAS QUE PARTIRAM

A saudade daqueles que, cada um a sua maneira, brilharam intensamente no esporte

RODOLPHO MACHADO

CLÁUDIO COUTINHO (1939-1981)
Criticado na Copa de 1978, o técnico armou a base do grande Flamengo desta década. Morreu afogado num mergulho submarino

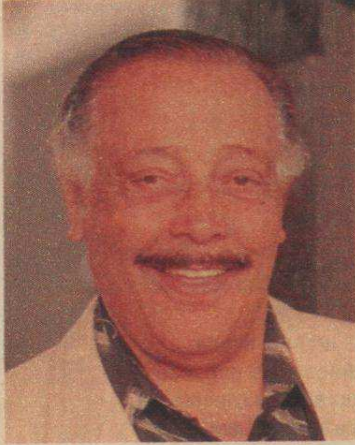
IGNACIO FERREIRA

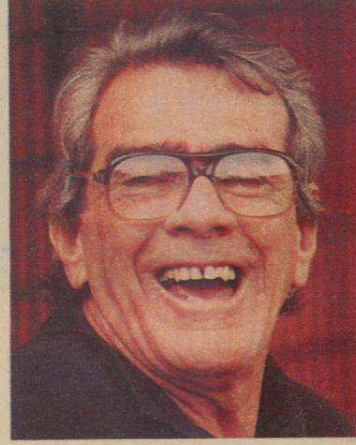
GARRINCHA (1933-1983)
O mais fantástico ponta da história chega a um melancólico fim. Venerado nos anos 50 e 60, faleceu praticamente esquecido

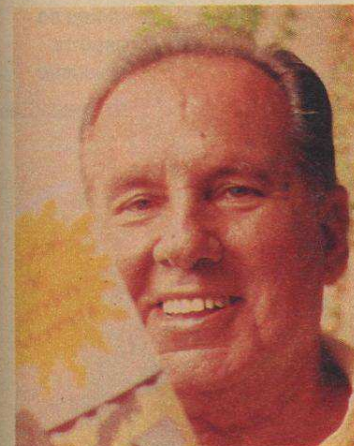
JOSÉ EUGÊNIO

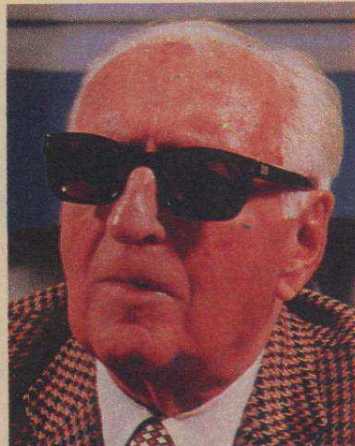
TIM (1916-1984)
A mesma inteligência dos tempos de meia no Fluminense deu ao técnico a glória de ser um dos maiores estrategistas do futebol

ADEMAR VENEZIANO

STANLEY ROUS (1895-1986)
Presidente da FIFA de 1961 a 1974, o dirigente inglês teve a coragem de mudar regras antigas para modernizar o futebol

RODOLPHO MACHADO

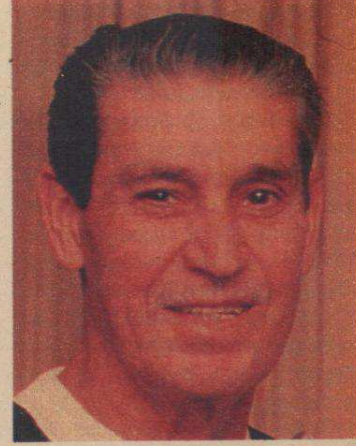
OTO GLÓRIA (1922-1986)
Técnico astuto, foi ele quem criou, entre outros grandes times, a excelente Seleção Portuguesa, terceiro lugar na Copa de 1966

SERGIO BEREZOVSKY

CASTILHO (1927-1987)
Fenomenal goleiro do Fluminense de 1946 a 1965, o então treinador não suportou uma nova crise de depressão e cometeu suicídio

RICARDO BELIEL

SANDRO MOREYRA (1918-1987)
Com suas divertidas histórias sobre o mundo do futebol, o jornalista era uma das figuras mais queridas da imprensa

GAMMA

ENZO FERRARI (1898-1988)
Nas pistas de Fórmula 1 ou em carros esporte, o comendador transformou o vermelho na cor da ousadia e velocidade

REP. ENCICLOPÉDIA DO AUTOMÓVEL

CHICO LANDI (1907-1989)
Pioneiro do automobilismo brasileiro, fez de suas corridas na década de 30 o caminho pelo qual passariam Émerson e Senna

SILVIO PORTO

OSWALDO BRANDÃO (1916-1989)
Campeão paulista no inesquecível título corintiano de 1977, era o mais carismático e estimado entre todos os treinadores

JOGOS OLÍMPICOS

BOICOTE, NUNCA MAIS

Recordes caem e Seul marca o fim da guerra fria entre soviéticos e norte-americanos

J.B. SCALCO

O ursinho Misha emocionou o mundo durante as Olimpíadas de Moscou, em 1980

Foi a década em que os grandes astros olímpicos dividiram as luzes com os boicotes políticos e o doping. De um lado, a explosão de talentos como o do norte-americano Carl Lewis, que, em 1984, em Los Angeles, igualou o recorde do lendário Jesse Owens ao faturar quatro medalhas de ouro no atletismo. Do outro, a guerra fria que tirou os Estados Unidos da Olimpíada de Moscou, em 1980, e, quatro anos depois, afugentou a União Soviética dos jogos norte-americanos. O confronto entre as potências só foi travado em 1988, em Seul, onde, porém, ficou em segundo plano — o uso de doping pelo canadense Ben Johnson roubou todas as atenções. Aproveitando as ausências, o Brasil participou dos jogos com suas maiores delegações e, de quebra, voltou a vibrar com as medalhas de ouro.

O ensaio geral aconteceu em Moscou, quando o iatismo trouxe dois primeiros lugares que brilharam ao lado de outras duas medalhas de bronze, conquistadas no salto triplo e no revezamento 4 x 200 m masculino, nado livre.

Nada menos de 42 recordes mundiais caíram em 1980, apesar da não presença de 64 países. Boicote que não conseguiu arranhar o salto em altura de 2,36 m do alemão oriental Gerd Wessing ou os, à época fantásticos, 5,78 m que o polonês Wladyslaw Kozakiewicz arrebatou no salto com vara. Apesar da ausência norte-americana — que protestava contra a invasão soviética no Afeganistão, em 1979 —, Moscou presenciou uma série incrível de façanhas esportivas e entrou para a História com seu símbolo, o ursinho Misha. O mesmo não aconteceu em Los Angeles, onde os soviéticos deram o troco, alegando falta de segurança. Afinal, nunca tanta gente viu tantos atletas em busca de seu melhor desenpenho conseguirem tão poucas marcas realmente expressivas. Com exceção da natação masculina, que derrubou onze recordes mundiais,

PEDRO MARTINELLI

Joaquim Cruz surpreende o mundo nos 800 em 1984, e desfila com a bandeira do Brasil. O mesmo orgulho exibido por Aurélio Miguel, em 1988, ao conquistar noss única medalha de ouro nas Olimpíadas de Seul. Dois ídolos do esporte brasileiro

PEDRO MARTINELLI

apenas os corredores americanos do revezamento 4 x 100 m foram capazes de estabelecer novas marcas. Da pouca expressividade salvou-se o norte-americano Carl Lewis, medalha de ouro nos 100, 200, revezamento 4 x 100 m e salto em distância, um feito só alcançado na Olimpíada de Berlim, em 1936. Da brecha também se serviram os atletas brasileiros, que conseguiram o melhor desempenho já atingido pelo país. Capitaneada pela empolgante medalha de ouro de Joaquim Cruz nos 800 m, nossa delegação conseguiu ainda cinco medalhas de prata e duas de bronze.

Já em 1988, os ventos da política não desviaram o esporte da rota de Seul, na Coréia do Sul, onde o número recorde de 161 países proporcionou o confronto de mais de 11 000 atletas. Quinze marcas mundiais foram quebradas. Destaque para a norte-americana Florence Griffith-Joyner, a mulher mais rápida do mundo nos 100 m, e aos nadadores da Alemanha Oriental, que venceram onze provas. O Brasil marcou presença com o ouro do judoca Aurélio Miguel, além de duas medalhas de prata e três de bronze.

A Olimpíada de Seul, no entanto, será lembrada pelo maior escândalo de todos os jogos — a incrível marca de 9s79/100 nos 100 m foi conseguida pelo canadense Ben Johnson com o uso de esteróides anabolizantes.

De qualquer modo, os 24.ºˢ Jogos Olímpicos da Era Moderna serão recordados como os do fim dos boicotes políticos. Depois de doze anos, os Estados Unidos e os países do bloco socialista voltaram a se enfrentar. A União Soviética levou a melhor, mas todos saíram ganhando. □

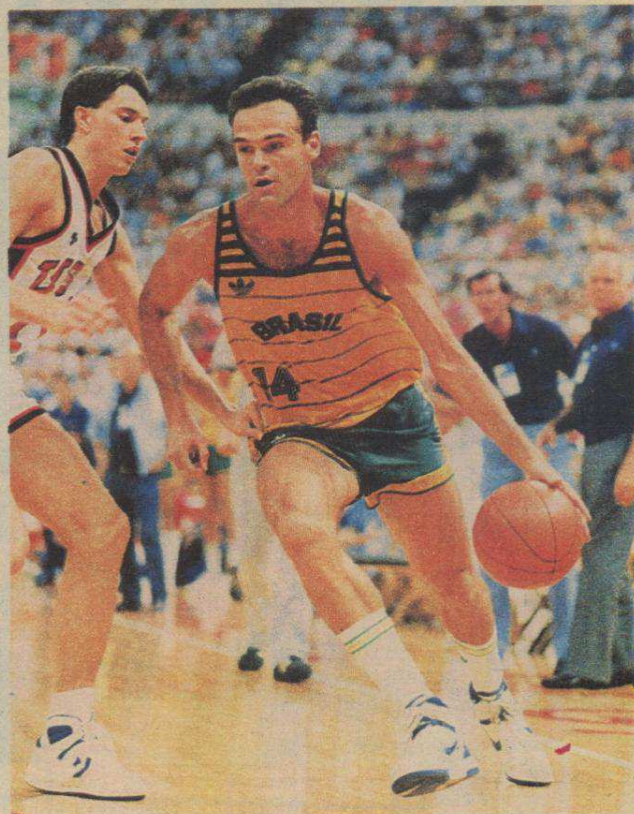
PEDRO MARTINELLI

O escândalo de Ben Johnson: recorde fabricado nos 100 m

PAN-AMERICANO DE 1987

BASQUETE DE OURO

SERGIO BEREZOVSKY

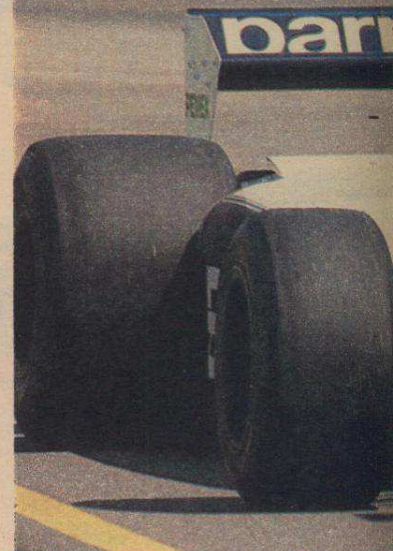
A geração vitoriosa do jogador Oscar e a grande conquista do Pan-Americano em 1987 sobre os EUA

Antes de entrar na quadra, a Seleção Brasileira de basquete masculino já perdia para a tradição — invictos no Pan há 34 jogos, os norte-americanos nunca tinham perdido uma partida oficial em seus domínios. Assim, os 16 292 espectadores que lotavam o Market Square Arena, em Indianápolis, nos Estados Unidos, não acreditavam no que exibia o marcador eletrônico, naquela tarde de 23 de agosto de 1987: o Brasil venceu os inventores do esporte por 120 x 115 e ficou com a impensável medalha de ouro.

"Foi a maior vitória de minha geração", chorou o jogador Marcel, responsável por 25% do rendimento da equipe, com 31 pontos. De fato, seria simplesmente impossível imaginar que o quinteto brasileiro, que chegou a perder por vinte pontos e saiu com quatorze de desvantagem ao final do primeiro tempo, encontrasse forças para a reação se não contasse com a velha dupla Marcel-Oscar. Individualista, emotivo e dono de uma mão santa, Oscar (o cestinha do torneio com 246 pontos) não resistiu e antecipou sua própria entrega de medalha: roubou a rede de uma cesta e colocou-a no pescoço diante dos atônitos americanos. Afinal, naquele dia, o basquete brasileiro ultrapassou seus limites e renasceu para a glória. Como, de fato, merecia.

■ FÓRMULA 1

O BRASIL PISA FUNDO

Em meio à revolução dos motores e muitas emoções, os brasileiros consolidam sua hegemonia

LEMYR MARTINS

O circo da Fórmula 1 dobrou-se diante dos pilotos brasileiros. Enquanto permaneceu na Williams, Nelson Piquet *(acima)* faturou o tricampeonato, mas na Lotus deixou de disputar diretamente o título. Já Ayrton Senna, com a soberana McLaren *(à esq.)*, voou baixo em 1988 e não deu a mínima chance para os inimigos. A temporada foi toda sua

Os anos 80 começaram para os brasileiros com a melancólica retirada de Émerson Fittipaldi *(ver quadro)* e a esperança da ascensão do iniciante Nelson Piquet. Mas a década reservava muito mais na Fórmula 1. Foi o melhor período para o Brasil no automobilismo mundial, exatamente quando os motores convencionais saíram de cena para a entrada dos possantes turbocomprimidos, com os quais nossos pilotos se deram muito bem. Piquet foi o primeiro campeão mundial com um turbo — o BMW — em 1983, época que já roncavam nas pistas os superalimentados engenhos da Ferrari, Porsche e Hart, concorrentes do pioneiro Renault, lançado três anos antes.

Essa guerra de potência atingiu o auge quando, junto dos Ford, Megatron e Judd, entrou no circuito o super-Honda, uma explosão japonesa que destroçou a concorrência a partir de 1986.

Ironicamente, a revolução oriental acabou selando o retorno da Fórmula 1 aos motores aspirados, em 1988. Afinal, como não podia conter a Honda na pista, a FISA inventou um novo regulamento. Pois foi nessa fase de subida e queda dos turbos que os pilotos brasileiros dominaram o circo emplacando quatro títulos mundiais e fechando a década com um tri de Nelson Piquet (1981, 1983 e 1987), além do triunfo de Ayrton Senna em 1988. De quebra, foram computadas quarenta vitórias — vinte de cada um — e um histórico recorde de 42 pole positions de Senna. Marca espetacular, que garante ao Brasil a hegemonia da década da F 1, deixando ingleses, italianos e franceses na poeira.

Como sempre, foram os ases da

Ayrton Senna celebra a vitória entre Piquet *(à esq.)* e Prost: três inimigos da F 1 se encontram no pódio

JORGE MEDITSCH

J.B. SCALCO

velocidade que fizeram o show. O austríaco Niki Lauda voltou, viu e venceu seu terceiro campeonato em 1984. Foi o último elo entre as décadas de 70 e 80. Uma era que viu surgir no GP da Argentina, de 1980, o francês Alain Prost, recordista de vitórias na F 1 (36), e que consagrou o duelo entre as estrelas contemporâneas como Piquet, Mansell, Alboreto, Arnoux, Patrese, Berger e o voador Ayrton Senna — candidato a mito no circo. Os pegas mais emocionantes e perigosos foram protagonizados por Piquet e Alan Jones — campeão em 1980 —; Lauda e Prost; Piquet e Mansell; e Senna e Prost. Mestres que decidiram entre si os títulos, recordes e riscos nos dez anos em que reinou a McLaren, com metade dos campeonatos dos construtores. A Williams ficou com três e a Brabham com dois. A Ferrari, sem títulos, chorou ainda a morte do lendário comendador Enzo Ferrari, em 1988.

Foi uma fase em que não faltaram tragédias. Giles Villeneuve, Patrick Depailler, Elio de Angelis, Stefan Bellof e Manfred Winkelhock desapareceram vítimas do amor à velocidade. Mas os acidentes também serviram para mostrar a evolução da segurança dos protótipos. Berger, Mansell, Piquet e Senna escaparam ilesos de graves acidentes. A maior prova do progresso foi dada por Maurício Gugelmin no GP da França deste ano, quando encenou o vôo da década: decolou por cima de vários carros e aterrissou são e salvo. O perigo maior agora está no tapetão, com os cartolas da FISA multando, suspendendo e obrigando os pilotos a competirem em pistas inseguras e, às vezes, sob chuvas diluvianas.

Os anos 80 também marcaram a investida de novos pilotos, a maioria sem sucesso. Quase uma centena tentou a sorte nessa roleta da fortuna e da glória. A maior parte vem da Itália, como Beppe Gabiani; Teo e Conrado Fabi; Mauro Baldi; De Angelis; Alboreto; De Cesaris; Giacomelli; Ghinzani; Palletti; Forini; Tarquini; Caffi; Capelli; Larini; e o atual trio esperança — Martini, Modena e Nanini. Todos competindo com o veterano Patrese, recordista da F 1 com 182 GPs disputados. □

ÉMERSON FITTIPALDI

E O RATO RENASCEU

Quando Émerson Fittipaldi trocou a competitiva McLaren pela Copersucar, em 1976, os mais apressados proclamaram seu suicídio profissional. Depois, todos tiveram certeza do fim da carreira do piloto que não se classificou para o Grande Prêmio da Bélgica daquele ano. Impressão reforçada pela ausência de Émerson nos GPs da Alemanha e Itália, em 1977. Ao abandonar o volante para se tornar chefe de Keke Rosberg e Chico Serra, na inviável Fittipaldi Automotive, ele estava aparentemente morto no circo da Fórmula 1. Os críticos até cunharam seu "epitáfio": "Émerson Fittipaldi, piloto de Fórmula 1 — 1970-1980. Bicampeão do mundo em 1972 e 1974 e vice em 1973 e 1975. Catorze vitórias, seis pole positions e seis recordes de pista". Já o piloto francês Jacques Laffite lamentou a perda: "Ele foi o maior cavalheiro da Fórmula 1, dentro e fora dos circuitos".

Mas era apenas uma parada temporária do grande Rato. O piloto que mostrou o caminho das pedras por onde pisaram Nelson Piquet, Ayrton Senna e José Carlos Pace, entre outros, ressurgiu na Fórmula Indy há três anos para provar que ainda tinha coragem e talento para competir no meio dos super-homens norte-americanos. Vestiu sua capa de rato voador e decolou por cima de festejados velocistas como Ricky Mears, Pancho Carter, Danny Sullivan, Mario e Michael Andretti, Al Unser e seu filho Junior. Tornou-se o piloto mais rápido do mundo ao cravar a velocidade de 360,222 km/h no circuito oval de Michigan. Faturou as 500 Milhas de Indianápolis e sagrou-se campeão da Indy de 1989. Um campeão de dois mundos da velocidade ou, no mínimo, um sujeito teimoso, que insiste em adiar seu epitáfio. O Rato está vivo.

Émerson campeão da Indy: o piloto mais rápido do mundo não estava morto

LEMYR MARTINS

CAMPEÕES ESTADUAIS

ALAGOAS

1980 — CSA
1981 — CSA
1982 — CSA
1983 — CRB
1984 — CSA
1985 — CSA
1986 — CRB
1987 — CRB
1988 — CSA
1989 — Capelense

AMAZONAS

1980 — Nacional
1981 — Nacional
1982 — Rio Negro
1983 — Nacional
1984 — Nacional
1985 — Nacional
1986 — Nacional
1987 — Rio Negro
1988 — Rio Negro
1989 — Rio Negro

BAHIA

1980 — Vitória
1981 — Bahia
1982 — Bahia
1983 — Bahia
1984 — Bahia
1985 — Vitória
1986 — Bahia
1987 — Bahia
1988 — Bahia
1989 — Vitória

CEARÁ

1980 — Ceará
1981 — Ceará
1982 — Fortaleza
1983 — Fortaleza
1984 — Ceará
1985 — Fortaleza
1986 — Ceará
1987 — Fortaleza
1988 — Ferroviário
1989 — Ceará

DISTRITO FEDERAL

1980 — Brasília
1981 — Taguatinga
1982 — Brasília
1983 — Brasília
1984 — Brasília
1985 — Sobradinho
1986 — Sobradinho
1987 — Brasília
1988 — Tiradentes
1989 — Taguatinga

ESPÍRITO SANTO

1980 — Desportiva
1981 — Desportiva
1982 — Rio Branco
1983 — Rio Branco
1984 — Desportiva
1985 — Rio Branco
1986 — Desportiva
1987 — Guarapari
1988 — Ibiraçu
1989 — Desportiva

GOIÁS

1980 — Vila Nova
1981 — Goiás
1982 — Vila Nova
1983 — Goiás
1984 — Vila Nova
1985 — Atlético
1986 — Goiás
1987 — Goiás
1988 — Atlético
1989 — Goiás

MARANHÃO

1980 — S. Correa
1981 — Moto
1982 — Moto
1983 — Moto
1984 — S. Correa
1985 — S. Correa
1986 — S. Correa
1987 — S. Correa
1988 — S. Correa
1989 — Moto

MATO GROSSO

1980 — Mixto
1981 — Mixto
1982 — Mixto
1983 — Operário-VG
1984 — Mixto
1985 — Operário-VG
1986 — Operário-VG
1987 — Operário-VG
1988 — Mixto
1989 — Mixto

M. GROSSO DO SUL

1980 — Operário
1981 — Operário
1982 — Comercial
1983 — Operário
1984 — Corumbaense
1985 — Comercial
1986 — Operário
1987 — Comercial
1988 — Operário
1989 — Operário

MINAS GERAIS

1980 — Atlético
1981 — Atlético
1982 — Atlético
1983 — Atlético
1984 — Cruzeiro
1985 — Atlético
1986 — Atlético
1987 — Cruzeiro
1988 — Atlético
1989 — Atlético

PARÁ

1980 — Paysandu
1981 — Paysandu
1982 — Paysandu
1983 — Tuna Luso
1984 — Paysandu
1985 — Paysandu
1986 — Remo
1987 — Paysandu
1988 — Não decidiu
1989 — Indefinido

PARAÍBA

1980 — Campinense
1981 — Treze
1982 — Treze
1983 — Treze
1984 — Botafogo
1985 — Não decidiu
1986 — Botafogo
1987 — A. Esporte
1988 — Botafogo
1989 — Treze

PARANÁ

1980 — Cascavel
1981 — Londrina
1982 — Atlético
1983 — Atlético
1984 — Pinheiros
1985 — Atlético
1986 — Coritiba
1987 — Pinheiros
1988 — Atlético
1989 — Coritiba

PERNAMBUCO

1980 — Sport
1981 — Sport
1982 — Sport
1983 — Santa Cruz
1984 — Náutico
1985 — Náutico
1986 — Santa Cruz
1987 — Santa Cruz
1988 — Sport
1989 — Náutico

PIAUÍ

1980 — River
1981 — River
1982 — Tiradentes
1983 — Auto Esport
1984 — Flamengo
1985 — Piauí
1986 — Flamengo
1987 — Flamengo
1988 — Flamengo
1989 — River

RIO DE JANEIRO

1980 — Fluminense
1981 — Flamengo
1982 — Vasco
1983 — Fluminense
1984 — Fluminense
1985 — Fluminense
1986 — Flamengo
1987 — Vasco
1988 — Vasco
1989 — Botafogo

R.G. DO NORTE

1980 — América
1981 — América
1982 — América
1983 — ABC
1984 — ABC
1985 — Alecrim
1986 — Alecrim
1987 — América
1988 — América
1989 — América

R.G. DO SUL

1980 — Grêmio
1981 — Inter
1982 — Inter
1983 — Inter
1984 — Inter
1985 — Grêmio
1986 — Grêmio
1987 — Grêmio
1988 — Grêmio
1989 — Grêmio

SANTA CATARINA

1980 — Joinville
1981 — Joinville
1982 — Joinville
1983 — Joinville
1984 — Joinville
1985 — Joinville
1986 — Criciúma
1987 — Joinville
1988 — Avaí
1989 — Criciúma

SÃO PAULO

1980 — São Paulo
1981 — São Paulo
1982 — Corinthians
1983 — Corinthians
1984 — Santos
1985 — São Paulo
1986 — Inter
1987 — São Paulo
1988 — Corinthians
1989 — São Paulo

SERGIPE

1980 — Itabaiana
1981 — Itabaiana
1982 — Sergipe e Itabaiana
1983 — Confiança
1984 — Sergipe
1985 — Sergipe
1986 — Confiança
1987 — Vasco
1988 — Confiança
1989 — Sergipe

CAMPEÕES BRASILEIROS

1980 FLAMENGO

Jogo Final
FLAMENGO 3 X ATLÉTICO-MG 2
1.º/junho/1980
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: Cr$ 19 726 210; Público: 154 355; Gols: Nunes 7, Reinaldo 8 e Zico 44 do 1.º; Reinaldo 21 e Nunes 37 do 2.º; Expulsão: Reinaldo, Palhinha e Chicão
FLAMENGO: Raul, Toninho, Manguito, Marinho e Júnior; Andrade, Carpegiani (Adílio) e Zico; Tita, Nunes e Júlio César (Carlos Alberto). Técnico: Cláudio Coutinho
ATLÉTICO-MG: João Leite, Orlando (Silvestre), Osmár, Luizinho (Geraldo) e Jorge Valença; Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha; Pedrinho, Reinaldo e Éder. Técnico: Procópio Cardoso

1981 GRÊMIO

Jogo Final
SÃO PAULO 0 X GRÊMIO 1
3/maio/1981
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: José Roberto Wright (RJ); Renda: Cr$ 33 819 400; Público: 95 106; Gol: Baltazar 19 do 2.º; Expulsão: Serginho
SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho Chagas; Élvio, Éverton (Assis) e Renato; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. Técnico: Carlos Alberto Silva
GRÊMIO: Leão, Paulo Roberto, Newmar, De León e Casemiro; China, Vílson Tadei (Jurandir) e Paulo Isidoro; Tarciso, Baltazar e Odair (Renato Sá). Técnico: Ênio Andrade

1982 FLAMENGO

Jogo Final
GRÊMIO 0 X FLAMENGO 1
25/abril/1982
Local: Olímpico (Porto Alegre); Juiz: Oscar Scolfaro (SP); Renda: Cr$ 29 256 000; Público: 62 256; Gol: Nunes 10 do 1.º
GRÊMIO: Leão, Paulo Roberto, Newmar, De León e Paulo César; Batista, Paulo Isidoro e Vílson Tadei; Renato, Baltazar (Paulinho) e Tonho (Odair). Técnico: Ênio Andrade
FLAMENGO: Raul, Leandro (Antunes), Figueiredo, Marinho e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Lico, Nunes (Vítor) e Tita. Técnico: Paulo César Carpegiani

1983 FLAMENGO

Jogo Final
FLAMENGO 3 X SANTOS 0
29/maio/1983
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Arnaldo César Coelho (RJ); Renda: Cr$ 168 700 000; Público: 155 253; Gols: Zico 40s e Leandro 39 do 1.º; Adílio 44 do 2.º
FLAMENGO: Raul, Leandro, Marinho, Figueiredo e Júnior; Vítor, Adílio e Élder; Baltazar (Robertinho), Zico e Júlio César (Ademar). Técnico: Carlos Alberto Torres
SANTOS: Marolla, Toninho Oliveira, Joãozinho, Toninho Carlos e Gilberto; Toninho Silva (Serginho II), Paulo Isidoro e Pita; Camargo (Paulinho Batistote), Serginho e João Paulo. Técnico: Formiga

1984 FLUMINENSE

Jogo Final
FLUMINENSE 0 X VASCO 0
27/maio/1984
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Romualdo Arppi Filho (SP); Renda: Cr$ 638 160 000; Público: 128 781; Cartão amarelo: Roberto, Romerito, Daniel González, Aldo, Mário e Jandir
FLUMINENSE: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo e Branco; Jandir, Romerito e Assis; Delei, Washington e Tato. Técnico: Carlos Alberto Parreira
VASCO: Roberto Costa, Edevaldo, Daniel González, Ivã e Aírton; Pires, Mário e Arturzinho; Jussiê (Marcelo), Roberto e Marquinho. Técnico: Edu
Obs.: Como venceu o primeiro jogo por 1 x 0, no dia 24 de maio, o Fluminense sagrou-se campeão.

1985 CORITIBA

Jogo Final
BANGU 1 X CORITIBA 1
31/julho/1985
Local: Maracanã (Rio de Ja-

neiro); Juiz: Romualdo Arppi Filho (SP); Renda: Cr$ 848 064 000; Público: 91 527; Gols: Índio 26 e Lulinha 37 do 1.º

BANGU: Gilmar, Márcio, Jair, Oliveira e Baby; Israel, Lulinha (Gílson) e Mário; Marinho, João Cláudio (Pingo) e Ado. Técnico: Moisés

CORITIBA: Rafael, André, Gomes, Heraldo e Dida; Almir (Vavá), Marildo (Marco Aurélio) e Toby; Lela, Índio e Édson. Técnico: Ênio Andrade

Na prorrogação: 0 x 0

Nos pênaltis: Coritiba 6 x Bangu 5 — Índio, Vavá, Marco Aurélio, Lela, Édson e Gomes marcaram para o Coritiba; e Gílson, Pingo, Márcio, Marinho e Mário marcaram para o Bangu. Ado errou o pênalti decisivo.

1986	SÃO PAULO

Jogo Final

GUARANI 1 X SÃO PAULO 1

25/fevereiro/1987

Local: Brinco de Ouro (Campinas); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: Cz$ 4 222; Público: 37 370; Gols: Nelsinho (contra) 2 e Bernardo 9 do 1.º; Cartão amarelo: Ricardo e Careca; Expulsão: Vágner (Gua) 12 do 1.º da prorrogação

GUARANI: Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo, Valdir Carioca e Zé Mário; Tite (Vágner), Tosin e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. Técnico: Carlos Gainete

SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wágner Basílio, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sidnei (Rômulo). Técnico: Pepe

Na prorrogação: 2 x 2 — Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1.º; João Paulo 2 e Careca 13 do 2.º

Nos pênaltis: Guarani 3 x São Paulo 4. Tosin, Valdir Carioca e Evair, para o Guarani; Darío Pereyra, Rômulo, Fonseca e Wágner Basílio para o São Paulo. Erraram: Marco Antônio Boiadeiro e João Paulo, pelo Guarani; e Careca, pelo São Paulo

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

No Maracanã, Inter e Flamengo decidem a Copa União de 1987

SERGIO BEREZOVSKY

A final do Campeonato Brasileiro de 1986: Guarani x São Paulo

1987	FLAMENGO

Jogo Final

FLAMENGO 1 X INTER 0

13/dezembro/1987

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: Cz$ 20 452 800; Público: 91 034; Gol: Bebeto 16 do 1.º; Cartão amarelo: Aloísio e Edinho

FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Leandro, Edinho e Leonardo; Andrade, Aílton e Zico (Flávio); Renato, Bebeto e Zinho. Técnico: Carlinhos

INTERNACIONAL: Taffarel, Luiz Carlos, Aloísio, Nenê e Paulo Roberto (Beto); Norberto, Luís Fernando e Balalo; Héider (Manu), Amarildo e Brites. Técnico: Ênio Andrade

1988	BAHIA

Jogo Final

INTERNACIONAL 0 X BAHIA 0

19/fevereiro/1989

Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Dulcídio Wanderley Boschilia (SP); Renda: NCz$ 57 304; Público: 79 598; Cartão amarelo: João Marcelo, Gil, Norberto e Edu

INTERNACIONAL: Taffarel, Luiz Carlos, Aguirregaray, Norton e Casemiro; Norberto, Luís Carlos Martins e Luís Fernando; Maurício (Héider), Nílson e Edu (Diego Aguirre). Técnico: Abel

BAHIA: Ronaldo, Tarantini, João Marcelo, Claudir (Newmar) e Paulo Róbson; Paulo Rodrigues, Zé Carlos e Bobô (Osmar); Gil, Charles e Marquinhos. Técnico: Evaristo de Macedo.

Obs.: O Bahia tornou-se campeão, pois havia vencido o primeiro jogo, em Salvador (2 x 1), e jogava pelo empate.

1989	VASCO

Jogo Final

16/dezembro/1989

SÃO PAULO 0 X VASCO 1

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ); Renda: NCz$ 2 394 435; Público: 71 552; Gol: Sorato 5 do 2.º; Cartão amarelo: Luiz Carlos, Acácio e Zé do Carmo

SÃO PAULO: Gilmar, Netinho, Adílson, Ricardo e Nelsinho; Flávio, Bobô e Raí; Mário Tilico, Ney e Edivaldo (Paulo César). Técnico: Carlos Alberto Silva

VASCO: Acácio, Luiz Carlos, Quiñónez, Marco Aurélio e Mazinho; Zé do Carmo, Marco Antônio Boiadeiro e Bismarck; Sorato, Bebeto e William. Técnico: Nelsinho

os anos 80

COPAS DO MUNDO

COPA DA ESPANHA 1982

Jogo Final

ITÁLIA 3 X ALEMANHA OC. 1

11/julho/1982

Local: Santiago Barnabeu (Madri); Juiz: Arnaldo César Coelho (Brasil); Gols: Paolo Rossi 12, Tardelli 23, Altobelli 35 e Breitner 37 do 2.º; Cartão amarelo: Conti, Dremmler, Oriali, Stielike e Littbarski

ITÁLIA: Zoff, Gentile, Colovati, Scirea e Cabrini; Tardelli, Oriali e Bergomi; Conti, Paolo Rossi e Graziani (Altobelli, depois Causio). Técnico: Enzo Bearzot

ALEMANHA: Schumacher, Kaltz, Stielike, Karl-Heinz Förster e Briegel; Bernard Förster, Dremmler (Hrubesch) e Breitner; Rummenigge (Müller), Fischer e Littbarski. Técnico: Jupp Derwal

CLASSIFICAÇÃO FINAL

1.º Itália
2.º Alemanha Oc.
3.º Polônia
4.º França
5.º Brasil
6.º Inglaterra
7.º União Soviética
8.º Áustria
9.º Bélgica
10.º Irlanda do Norte
11.º Argentina
12.º Argélia
13.º Espanha
14.º Hungria
15.º Escócia
16.º Iugoslávia
17.º Camarões
18.º Peru
19.º Honduras
20.º Tchecoslováquia
21.º Kuwait
22.º Chile
23.º Nova Zelândia
24.º El Salvador

COPA DO MÉXICO 1986

Jogo Final

ARGENTINA 3 X ALEMANHA OC. 2

29/junho/1986

Local: Estádio Azteca (Cidade do México); Juiz: Romualdo Arppi Filho (Brasil); Gols: Brown 22 do 1.º; Valdano 11, Rummenigge 29, Völler 37 e Burruchaga 40 do 2.º; Cartão amarelo: Matthäus, Briegel, Maradona, Olarticoechea, Enrique e Pumpido

ARGENTINA: Pumpido, Cucciufo, Ruggeri, Brown e Olarticoechea; Batista, Giusti, Enrique e Burruchaga (Trobbiani); Maradona e Valdano. Técnico: Carlos Salvador Bilardo

ALEMANHA: Schumacher, Berthold, Förster, Jakobs e Briegel; Eder, Brehme, Matthäus e Magath (Höness); Rummenigge e Allofs (Völler). Técnico: Franz Beckenbauer

CLASSIFICAÇÃO FINAL

1.º Argentina;
2.º Alemanha Oc.
3.º França
4.º Bélgica
5.º Brasil
6.º México
7.º Espanha
8.º Inglaterra
9.º Dinamarca
10.º União Soviética
11.º Marrocos
12.º Itália
13.º Paraguai
14.º Polônia
15.º Bulgária
16.º Uruguai
17.º Portugal
18.º Hungria
19.º Escócia
20.º Coréia do Sul
21.º Irlanda do Norte
22.º Argélia
23.º Iraque
24.º Canadá

CAMPEONATO EUROPEU DE SELEÇÕES

1980 — Alemanha Oc.
1984 — França
1988 — Holanda

MUNDIAL INTERCLUBES

1980 — Nacional (Uruguai)
1981 — Flamengo (Brasil)
1982 — Peñarol (Uruguai)
1983 — Grêmio (Brasil)
1984 — Independiente (Arg.)
1985 — Juventus (Itália)
1986 — River Plate (Arg.)
1987 — Porto (Portugal)
1988 — Nacional (Uruguai)

TAÇA LIBERTADORES DA AMÉRICA

1980 — Nacional (Uruguai)
1981 — Flamengo (Brasil)
1982 — Peñarol (Uruguai)
1983 — Grêmio (Brasil)
1984 — Independiente (Arg.)
1985 — Argentinos Juniors (Arg.)
1986 — River Plate (Arg.)
1987 — Peñarol (Uruguai)
1988 — Nacional (Uruguai)
1989 — Nacional (Colômbia)

COPA DOS CAMPEÕES

1980 — Notthingham (Inglaterra)
1981 — Liverpool (Inglaterra)
1982 — Aston Villa (Inglaterra)
1983 — Hamburgo (Al. Oc.)
1984 — Liverpool (Inglaterra)
1985 — Juventus (Itália)
1986 — Steaua Bucareste (Romênia)
1987 — Porto (Portugal)
1988 — PSV Eindhoven (Holanda)
1989 — Milan (Itália)

RECOPA

1980 — Valencia (Espanha)
1981 — Dínamo Tblisi (URSS)
1982 — Barcelona (Espanha)
1983 — Aberdeen (Escócia)
1984 — Juventus (Itália)
1985 — Everton (Inglaterra)
1986 — Dinamo Kiev (URSS)
1987 — Ajax (Holanda)
1988 — Malines (Bélgica)
1989 — Barcelona (Espanha)

COPA DA UEFA

1980 — Eintracht (Al. Oc.)
1981 — Ipswich (Inglaterra)
1982 — Gotemburgo (Suécia)
1983 — Anderlecht (Bélgica)
1984 — Tottenham (Inglaterra)
1985 — Real Madrid (Espanha)
1986 — Real Madrid (Espanha)
1987 — Gotemburgo (Suécia)
1988 — Bayer Leverkusen (Alemanha Oc.)
1989 — Napoli (Itália)

PEDRO MARTINELLI

Na final da Copa de 82, a Itália vence a Alemanha Ocidental

CAMPEONATO ITALIANO

1980 — Internazionale
1981 — Juventus
1982 — Juventus
1983 — Roma
1984 — Juventus
1985 — Verona
1986 — Juventus
1987 — Napoli
1988 — Milan
1989 — Internazionale

CAMPEONATO PORTUGUÊS

1980 — Sporting
1981 — Benfica
1982 — Sporting
1983 — Benfica
1984 — Benfica
1985 — Porto
1986 — Porto
1987 — Benfica
1988 — Porto
1989 — Benfica

CAMPEONATO ESPANHOL

1980 — Real Madrid
1981 — Real Sociedad
1982 — Real Sociedad
1983 — Atlético de Bilbao
1984 — Atlético de Bilbao
1985 — Barcelona
1986 — Real Madrid
1987 — Real Madrid
1988 — Real Madrid
1989 — Real Madrid

COPA DO BRASIL

Jogo Final

GRÊMIO 2 X SPORT 1

2/setembro/89

Local: Olímpico (Porto Alegre); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: NCz$ 548 096; Público: 62 807; Gols: Assis 9 e Mazarópi (contra) 31 do 1.º; Cuca 7 do 2.º; Cartão amarelo: Alfinete, Assis e Aírton; Expulsão: Betão 45 do 2.º

GRÊMIO: Mazarópi, Alfinete (Trasante), Luís Eduardo, Edinho e Hélcio; Jandir, Lino e Assis; Cuca, Nando (Almir) e Paulo Egídio. Técnico: Cláudio Duarte

SPORT: Rafael, Betão, Márcio Alcântara, Aílton e Aírton; Rogério (André), Lopes (Edinho) e Joécio; Barbosa, Marcus Vinícius e Édson. Técnico: Nereu Pinheiro

EDITORA ABRIL

ENDEREÇOS E TELEFONES

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Tel.: (011) 877-1322, CEP 02909, Caixa Postal 2372

PLACAR

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. G Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, Caixa 2372, tel.: (011) 545-8122, Telex (011) 23227, 2 24134, FAX: (011) 522-1504, Telegramas: Edita brilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Cas de, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: r. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º res, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275 Telex (031) 1085
Brasília: SCS - Quadra 1, n.º 30, Edifício Centr 10.º, 12.º e 13.º andares, CEP 70304, tel.: 224-9150, Telex (061) 1464, FAX: (061) 226-7592 gramas Abrilpress
Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, cj. 13 13013, tel.: (0192) 32-1700
Curitiba: r. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, e 6, Bairro Alto da Quinze, CEP 80040, tel.: 262-8833, Telex (041) 5278
Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 2.º sala 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, (0481) 004
Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/42 Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 244-0410, Telex 1607
Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 95-1293
Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpres
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, sala 903 e 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: 224-0977, Telex (081) 1184
Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, A Boa Vista, CEP 14020, tel.: (016) 623-4262/4291
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º res, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: bril/Abrilpress
Salvador: r. Itabuna, 304, Pq. Cruz Aguiar, Rio V lho, CEP 41910, tel.: (071) 247-3999, Telex (071) 1

EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (0 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (0 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, F (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 AB FAX: (00331) 42.66.13.99

REVISTAS PUBLICADAS PELA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
GUIA DO ESTUDANTE • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA
ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT
CAPRICHO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Infanto-Juvenis
O PATO DONALD, MICKEY, ZÉ CARIOCA, TIO PATINHAS, MARGARIDA, DISNEY JUNIORS, URTIGÃO, ALEGRIA & COMPANHIA, ALEGRIA EM QUADRINHOS, FOFÃO, PATRÍCIA, O GORDO & CIA, A TURMA DA FOFURA, HE MAN, THUNDERCATS, HOMEM ARANHA, CONAN, BOLINHA, LULUZINHA, MISTO QUENTE, SELEÇÃO DE CROMOS

FELIZ DÉCADA NOVA

Já imaginou se os melhores atletas do mundo se reunissem para gravar o clip "Adeus Anos 80, Feliz Década 90"? Confira o que iria rolar nos bastidores.

Editora Abril
Editor e Diretor
VICTOR CIVITA

Diretor Superintendente
Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa
Diretor de Assuntos Corporativo
Guilherme Velloso

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área
Antonio Carlos Ribeiro da Silva, Carlos Roberto Berlinck, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor de Grupo: Juca Kfouri

REDAÇÃO
Chefes de Redação: Alfredo Ogawa e Alvaro Almeida
Editor: Mário Sérgio Venditi
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórteres: Edson Rossi, Katia Perin, Ubiratan Brasil
Fotógrafos: Nélson Coelho, Orlando Kissner, Silvio Porto
Editor de Arte: Walter Mazzuchelli
Chefe de Arte: Alberto S.L. Magalhães
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva, José Jonas de Lima, José da Luz Tenório, José Dionisio Filho, Rosalina Sasaki, Sergio Prado Martins
Secretários de Produção: José Batista de Carvalho, René Santos Filho
Preparação de Texto: José Gustavo Vasconcellos
Produção: Sebastião Silva
Atendimento ao Leitor: Mauricio Rodrigues
Sucursais
Rio de Janeiro - Chefe: Carlos Orletti
Repórteres Rio: Gilmar Ferreira, Jorge Luiz Rodrigues, Martha Esteves; **Fotógrafos:** Ari Gomes, Nilton Claudino da Silva; **Produção:** Marcelo de Jesus; **Belo Horizonte - Repórter:** Manuel Muniz; **Fotógrafo:** Nélio Rodrigues; **Curitiba - Repórter:** Roberto José da Silva; **Fotógrafo:** Sérgio Sade; **Porto Alegre - Repórter:** Divino Fonseca; **Fotógrafo:** Lemyr Martins; **Salvador - Repórter:** Luiz Brito

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Fernando Pacheco Jordão (gerente), Alvaro Teixeira (assistente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Júlio Bartolo

COMERCIAL
Diretor de Publicidade: Eduardo Granja Russo
Gerente Comercial: Marlene Conti Canto
Assistente Comercial: Rafael Vieira Filho
Coordenadora: Tieko Kuniyuki
Supervisor: Ricardo O. Lima (RJ)
Contato: Alda Nogueira (SP)

Diretor Regional: Dreyfus Soares
Escritórios Regionais: Valter Cruz Gonçalves (Belo Horizonte); Gilberto Amaral de Sá (Brasília); Paulo Cesar D. Zambotti (Campinas); Angelo A. Costi (Curitiba); Geraldo Nilson de Azevedo (Florianópolis); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Elcenho Engel (Porto Alegre); Ana Maria de Oliveira (Recife); Elisabeth Silveira (Salvador)
Representante: Intermidia (Ribeirão Preto)

Diretora de Promoção e Pesquisa de Mídia: Haydee Gomes Guersoni
Diretor de Propaganda: Ivo Carlos De Maria

DIRETORES DIVISIONAIS
Diretor Assinaturas: Eduardo Frezza
Diretor Publicidade Regional: Júlio Cosi
Diretor Escritório Rio: Sebastião Martins
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições.

Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Serviço ao Assinante: (011) 823-9222

IVC

IMPR. NA DIV. GRAFICA DA EDITORA ABRIL S.A.